



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**EDSON QUEIROZ BAHIA**

**ADOLESCENTES:  
O QUE ELES PENSAM DA FAMÍLIA?**

Salvador  
2021



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**EDSON QUEIROZ BAHIA**

**ADOLESCENTES:**

**O QUE ELES PENSAM DA FAMÍLIA?**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini.

**SALVADOR  
2021**

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

B151 Bahia, Edson Queiroz  
Adolescentes: o que eles pensam da família / Edson Queiroz Bahia  
. – Salvador, 2021.  
110 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em  
Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini.

1. Família 2. Adolescente 3. Adolescência 4. Desenvolvimento  
Humano I. Petrini, Giancarlo – Orientador II. Universidade Católica do  
Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. III. Título.

CDU 316.356.2-053.6

TERMO DE APROVAÇÃO

**EDSON QUEIROZ BAHIA**

**“ADOLESCENTES: O QUE ELES PENSAM DA FAMÍLIA?”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 31 de março de 2021.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Giancarlo Petrini**  
Orientador(a) - (UCSAL)

  
\_\_\_\_\_  
**Profª. Drª. Lúcia Vaz de Campos Moreira (UCP)**

  
\_\_\_\_\_  
**Profª. Drª. Suzana Filizola Brasiliense Carneiro (UNIP)**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos (UCSAL)**

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiro à Deus pelo dom da vida, por minha vocação missionária e por permitir que eu, como padre, seja testemunha viva e privilegiada da tradição cristã. Como tudo em minha vida, sua luz me indicou o caminho.

Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deu durante toda a minha vida e em todas as minhas escolhas. Especialmente agradeço à minha mãe, não só por ser tão presente, mas também porque nunca deixou de manifestar a sua alegria nas minhas conquistas e por me dar o seu colo nos momentos de dúvida e insegurança.

Sou um privilegiado por poder integrar e desfrutar do convívio de duas famílias, e nesta oportunidade externo todo o meu amor a todos os missionários da Sociedade Missionária Obra de Deus, da qual sou fundador e parte integrante, sem o apoio de todos eles, que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo, eu não poderia encontrar tempo para me dedicar à construção deste trabalho.

Agradecer de forma especial ao meu orientador pelo incentivo para o desenvolvimento da minha dissertação de conclusão de curso, mostrando-se presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar. Sou grato pela confiança depositada na minha proposta.

Também quero agradecer aos adolescentes que participaram da entrevista com confiança e liberdade, dando sua valiosa colaboração com a vida e a família.

Por fim, quero agradecer e aos demais professores e à Universidade Católica de Salvador pela elevada qualidade das aulas e pela constante demonstração de compromisso com a qualidade e excelência do ensino. Especialmente aos Professores que marcaram minha trajetória no Programa: Prof. Dra. Lucia Vaz de Campos Moreira, Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos, Prof. Gilca Oliveira Carrera, Prof. Dr. Pe. Rafael Cerqueira Fornasier.

*Que nenhuma família comece em qualquer de repente*  
*Que nenhuma família termine por falta de amor*  
Pe. Zezinho

## RESUMO

A presente dissertação tem como foco o período do desenvolvimento do indivíduo compreendido entre 14 e 18 anos de idade, e, atenta às inúmeras transformações pelas quais tem passado a família nas últimas décadas, e considerando os vários tipos de arranjos existentes na atualidade, avança no sentido de identificar o impacto e influência que exerce no desenvolvimento dos adolescentes e como estes a veem e compreende. O trabalho apresenta as funções básicas desempenhadas pela instituição familiar no decorrer do processo de desenvolvimento emocional, cultural e cognitivo dos adolescentes, e as transições que acarretam grandes mudanças na formação da identidade dos jovens, analisando os mecanismos que, apesar das mudanças na sociedade, permanecem os mesmos, conforme apontam os inúmeros estudos acerca do tema. Esta dissertação também apresenta uma sistematização dos resultados obtidos através de um estudo bibliográfico envolvendo os descritores: família, adolescente e adolescência, assim como do estudo de campo realizado com adolescentes da faixa etária estudada. Por fim, a família é apontada como um dos principais elementos que podem tanto ajudar quanto dificultar o jovem em suas escolhas, e dependerá do tipo de experiências vividas por seus ancestrais em um passado recente, e, quando o adolescente reconhece essas influências, ele pode utilizá-las, de forma consciente, e estabelecer o seu projeto de vida pessoal e familiar para o futuro.

Palavras-chave: família, adolescente, adolescência, desenvolvimento humano.

## **ABSTRACT**

The present dissertation focuses on the period of development of the individual between 14 and 18 years of age, and, attentive to the countless transformations that the family has undergone in the last decades, and considering the various types of arrangements existing today, advances in the to identify the impact and influence it has on the development of adolescents and how they see and understand it. The work presents the basic functions performed by the family institution during the process of emotional, cultural and cognitive development of adolescents, and the transitions that bring about great changes in the formation of the identity of young people, analyzing the mechanisms that, despite changes in society, remain the same ones, as pointed out by the numerous studies on the theme. This dissertation also presents a systematization of the results obtained through a bibliographic study involving the descriptors: family, adolescent and adolescence, as well as the field study carried out with adolescents of the studied age group. Finally, the family is identified as one of the main elements that can both help and hinder young people in their choices, and will depend on the type of experiences lived by their ancestors in the recent past, and when the teenager recognizes these influences, he can use them consciously and establish your personal and family life plan for the future.

Keywords: family, adolescent, adolescence, human development



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>13</b>
2.1. ADOLESCÊNCIAS	18
2.2. ADOLESCÊNCIA E SOCIEDADE	27
2.3. ADOLESCÊNCIA E O PERÍODO ESCOLAR	34
2.4. ADOLESCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	37
2.5. FAMÍLIAS E A CRISE DA PÓS-MODERNIDADE	42
2.6. A RELAÇÃO DO ADOLESCENTE E A FAMÍLIA	56
2.7. A PANDEMIA COVID-19 E OS IMPACTOS NA FAMÍLIA	58
<b>3. MÉTODO</b>	<b>62</b>
3.1. DELINEAMENTO	62
3.2. LOCAL E PARTICIPANTES	64
3.3. INSTRUMENTO DE PESQUISA	65
3.4. PROCEDIMENTOS	66
3.5. ANÁLISE DE DADOS	66
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>67</b>
4.1 DADOS SOBRE FAMÍLIA	67
4.2 CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS SOBRE RELAÇÕES FAMILIARES	70
4.3 PERCEPÇÕES SOBRE SI MESMO	77
4.4 PERCEPÇÕES SOBRE O FUTURO	83
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE D – ASSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO</b>	<b>110</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é resultado dos trabalhos desenvolvidos com adolescentes e jovens por meio de orientações, aconselhamentos, promoção de encontros, acampamentos, palestras e grupos em diversos ambientes como escola, igreja, praças públicas, dentre outros locais, contando com a participação do autor em sua elaboração e supervisão ao longo dos últimos 20 anos.

Nesse período foi possível perceber que a família vem atravessando e mudando sua mentalidade, comportamento, conceitos, bem como sofrendo interferências com as alterações sociais, tecnológicas, culturais e políticas, entre outros. O Ministério da Saúde, a OMS, e outras instituições com atividades voltadas para a análise das transformações ocorridas na sociedade ao longo da história, apontam que ocorreram significativas transformações na estrutura familiar e isto está associado ao processo de industrialização, urbanização, crescente capitalismo, modificações no papel da mulher na sociedade e na própria família.

Inicialmente, contribui para este pensamento a narrativa apresentada no livro *Família no Século XXI: abordagem relacional*, de Pierpaolo Donati (2008), que fomentou o conhecimento acerca da abordagem relacional, as transformações da família e o contexto social.

Da mesma forma, o interesse e a inquietação relacionadas ao tema foram aflorados ainda mais quando o autor teve acesso à coletânea “*Relações Familiares*”, organizada pela Professora Lúcia Moreira (2016), relacionada ao fato de estar diante de um vasto conteúdo sobre as diversas relações familiares e buscar compreender o resultado disto na vida dos adolescentes.

Para compreender a adolescência e adolescências, e tomar direção na pesquisa, foi utilizado como suporte o livro *Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento* de Maria Griffa e José Eduardo Moreno (2008), que fornece conteúdo farto para entender melhor os adolescentes, e, também com o mesmo objetivo a coletânea intitulada “*Adolescentes & Adolescências: família, escola e sociedade*” (2018), organizada por Lúcia Vaz de Campos Moreira, Elaine Pedreira Rabinovich e Rafael Cerqueira Fornasier, e, por fim, neste mesmo

sentido, o livro “Adolescentes: o desafio de entender e conviver”, de Francisco Baptista Neto, Luiz Carlos Osório e Outros Colaboradores (2011).

A realidade de família que antes era do estilo patriarcal - modelo vivenciado há muitos séculos já não é a maneira de ser família na contemporaneidade. Crescentemente aparecem vários modelos de família, e todas as realidades exercem influências nas vivências familiares.

Observando alguns grupos de adolescentes, de alguma forma ligados à Igreja Católica, realidade próxima deste autor, constata-se que a realidade familiar de cada um influencia o comportamento, inquietações dos jovens, e isto traz reflexões sobre como os diversos contextos familiares influenciam o modo de se comportar e ser de um adolescente, e como eles pensam/vivem a família, bem como, o que virá a partir das experiências de cada um.

Tendo identificado como problema a ser investigado: o que os adolescentes pensam e aspiram sobre famílias tendo em vista a atual realidade de contextos familiares e o aumento de busca da conquista da liberdade individual?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em conhecer as vivências de adolescentes na família de origem e as perspectivas para constituição da própria família. Para que tenha a possibilidade de analisar se a realidade de vida atual dos adolescentes os orienta para constituir novas famílias ou o que eles pensam para seu futuro, a partir do passado e presente vividos. E para chegar a este conhecimento será tomado como direção os seguintes objetivos específicos:

- a) Conhecer as inquietações que os adolescentes passam diante de suas interrogações e aspirações nas relações familiares e como atendem suas exigências e necessidades como família;
- b) Identificar o entendimento e a compreensão do ser família;
- c) Analisar se a realidade de vida atual do adolescente o orienta para constituir nova família, dando continuidade ao modelo pré-existente ou se nascerá uma nova família destituída do modelo anterior;

A fase da adolescência é importante por ser uma etapa de transição e de construção, sendo um bom campo de investigação a idade entre 14 a 18 anos. Estudar os adolescentes na atualidade mostra-se muito relevante, pois muitos sinalizam, diante das inquietações com seu futuro, um desconforto que chega muitas vezes à depressão e ao autolesionismo, com consequências no desempenho escolar, nas relações de amizade e nas relações familiares, como sinalizam os autores, AVENA (2017) e BAUMAN (2004).

Outro aspecto a ser considerado, como consequência da insegurança e incertezas vivida pelos adolescentes, é que muitos jovens não planejam mais constituir sua própria família, pois “o fato que duas pessoas decidam constituir um casal, não coincide mais com a decisão de formar família, aliás, parece que o casal se torna alternativa à família.” (DONATI, 2012, p.19).

Nesta dissertação de mestrado consta a revisão de literatura, na qual é apresentada uma conceituação de “adolescências”. Também há uma reflexão sobre as relações familiares e a vivência dos adolescentes frente às realidades do contexto atual da sociedade. Além disso, consta a metodologia utilizada e são apresentados e discutidos os resultados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas com adolescentes focalizando concepções e vivências sobre família. Na sequência, há as considerações finais.

Quanto à estrutura do trabalho, no capítulo da revisão de literatura foram apresentados aspectos teóricos tais como: as transformações ocorridas na família e a sua relação com as características atuais da cultura- individualismo, relações fluidas, rompimento com sistemas de significados que sustentam a noção de disciplina, compromisso, gratuidade; os vínculos vividos como amarras e não como recursos essenciais para o desenvolvimento; a noção de desenvolvimento; definição da fase da adolescência; a influência da qualidade das relações familiares no desenvolvimento do indivíduo; e, a relação adolescente e a família, e, a Pandemia da COVID-19 e os impactos na família.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Atualmente vivemos a cultura do efêmero que “faz perceber os vínculos familiares mais como amarras que limitam a livre expressão da própria personalidade do que como recursos essenciais para a realização humana, e por isso, destinados a durar no tempo” (PETRINI, 2007, p. 207). Neste contexto voltamos o olhar para os filhos destes vínculos familiares e de modo específico aqueles que estão na adolescência, que por sua vez, vão enfrentando essas realidades encontradas e, de acordo com as relações que se configuraram em sua vida, vão tendo influências diversas em seu desenvolvimento. Conforme Bronfenbrenner (2002), o desenvolvimento humano é um produto da interação entre o organismo humano em seu crescimento e seu ambiente.

Bastos *et al* (2007) destacam que as famílias brasileiras vivem em diferentes realidades contextuais e, em função disso, as suas relações também são influenciadas e essas influências igualmente são transmitidas culturalmente. Por isso, voltar o olhar para os adolescentes se mostra como medida necessária para entender não só o seu comportamento, mas também identificar até onde o convívio familiar influencia positiva ou negativamente no sentido de preservação da instituição.

Os adolescentes, devido a sua própria fase de desenvolvimento, vivem um processo de construção de subjetividade. Nesta construção vai se delineando e formando a sua personalidade pelas experiências vivenciadas, inicialmente em suas próprias famílias, como lugar primário de vivências, e depois com os grupos na sociedade.

O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos as identidades particulares. (HALL, 2001, p. 55-56).

Nesta fase específica do desenvolvimento, os adolescentes vão elaborando uma percepção da família diferente de como a compreendiam quando eram crianças, quando as relações com os pais eram mais puras, livre de influências externas, e dependentes, sem tantos questionamentos e fundada no cuidado, proteção e aprendizado no sentido mais literal dos termos.

A maneira como se vive a família é importante para que os adolescentes tenham a ajuda necessária para delinear suas relações afetivas e possíveis construções de novas famílias. Assim, neste sentido, para uma melhor compreensão, é válido citar o que discorre Donati (2011. p.17): “sem história da qual se orgulham e sem futuro capaz de mobilizar as energias em vista de um projeto pessoal e social, sobram, especialmente para as novas gerações, satisfações efêmeras e emoções momentâneas”.

Como apresentou Donati (2011), uma família é uma história da origem de uma pessoa que continua por gerações pela linhagem familiar, e quanto mais houver satisfação de vida ao longo desta história, mais haverá uma colaboração para o bom desenvolvimento e aprendizado dos adolescentes, sobretudo no quesito compreensão do ser família.

Caso os adolescentes não venham a possuir uma história de vida da qual possam se orgulhar, principalmente no que tange ao afeto e aos cuidados recebidos dos pais e responsáveis, é possível que tendam a ter certa ambivalência quanto a projeto de vida, com o risco de virem a formar família sem preparação adequada para enfrentar os desafios das relações interpessoais, do desenvolvimento do próprio projeto de vida, da formação do caráter.

Ante esta observação, Donati (2011. p.30) afirma que “a família ainda conta muito, mas não consegue oferecer razões que expliquem adequadamente porque ela conta, difícil é encontrar o lugar para a família na sociedade de amanhã”.

Para os adolescentes que estão em fase de início de vida, o bom relacionamento com a família é indispensável para que cresçam e se desenvolvam para uma vida de satisfações mais duradouras, obtendo, desta forma, uma razão para ser família e para perpetuá-la, conservando os princípios basilares da vida e da sociedade como um todo. Não há como ensinar a ser família, a não ser estando inserido em uma, pois não é uma receita pronta e acabada que se possa ensinar por meio dos livros, e nem possui um modelo ideal, mas de um modo natural as famílias podem ensinar aquilo que é básico e indispensável para o ser humano, como o respeito, a solidariedade, a cumplicidade, a fraternidade, a relação parental, entre outros.

Conforme Donati (2011):

[...] A família constitui uma instituição do futuro, e não do passado. É uma instituição do futuro não somente porque forma as novas gerações, mas porque pode contribuir para que a convivência social tenha mais caracteres próprios da família, podendo resultar disso uma nova sociedade mais familiar, segundo a medida da família. (DONATI, 2011.p 33)

Nesta perspectiva de existência para os adolescentes uma tendência muito crescente é o individualismo que poderá excluir o desejo de ter uma família com estruturas para o bem dos cônjuges e dos filhos, numa convivência saudável e fraterna para o bem comum. Esse individualismo quebra as estruturas indispensáveis à humanidade de uma pessoa.

O individualismo moderno, alimentado pela sedução do novo segundo os modelos oferecidos pela moda, promoveu uma ética lúdica e consumista, que foi abandonando não somente os valores das tradições religiosas, mas qualquer sistema de significados que exigisse disciplina, rigor, sacrifício, fidelidade, aos compromissos assumidos para perseguir as metas propostas (PETRINI, 2005, p. 37).

Outra ocorrência significativa gerada pelo individualismo que influencia na estrutura familiar é a mudança de mentalidade acerca das relações, que se tornaram mais fluidas. De acordo com Bauman (2004) o fracasso no relacionamento é frequentemente um fracasso na comunicação pelo medo e preguiça, ou por viver tentando agradar e fugir do problema, entretanto, não existe uma forma de construção do pensamento e do aprendizado se não for por meio do diálogo, e da conscientização de que nem sempre nossos desejos poderão ou deverão ser atendidos, e isto faz parte do desenvolvimento saudável do ser humano, e sobretudo do adolescente que vive a fase de transição para a vida adulta, devendo todos os membros da família estar dispostos a enfrentar estes aspectos da relação familiar.

Nos tempos atuais a dinâmica dos relacionamentos apresenta o descarte do que nos incomoda, fortalecendo o individualismo, acentuando a consequência da fragilidade dos laços de casamento, possibilitando aos indivíduos casarem-se e divorciarem quantas vezes quiserem, como que em busca de soluções rápidas e fáceis para suas frustrações de relacionamento, sem criar vínculos e muito menos o senso de família comprometida com o bem de todos os seus integrantes, sendo cada vez mais presente em nossa sociedade as múltiplas formas de constituição familiar, conforme, inclusive, afirma Petrini:

Aumentam as separações e os divórcios, os jovens se casam mais tarde em comparação a duas décadas atrás, diminui significativamente o número de casamentos, aumenta o número de famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias monoparentais, e as chefiadas por mulheres. (PETRINI, 2005, p. 44).

Importantes transformações na família ocorreram a partir de meados do século XX quando a família hierárquica perde o lugar para um novo modo de ser família. O poder do pai foi abalado de um lado e do outro ocorreu o deslocamento das mulheres donas de casa a ingressar no mercado de trabalho, o controle da gravidez, o crescimento da reprodução humana assistida, relações conjugais de curta duração, favorecem ao crescimento da autonomia da pessoa, descaracterizando o sentido da família, como uma comunidade.

Esses fatores, entre outros, tiveram um impacto na família, contribuindo para o surgimento de novos modos de ser família. Corroborando com este entendimento, assim afirmam Pratta e Santos (2007):

Diversos fatores concorreram para essas mudanças, como o processo de urbanização e industrialização, o avanço tecnológico, o incremento das demandas de cada fase do ciclo vital, a maior participação da mulher no mercado de trabalho, o aumento no número de separações e divórcios, a diminuição das famílias numerosas, o empobrecimento acelerado, a diminuição das taxas de mortalidade infantil e de natalidade, a elevação do nível de vida da população, as transformações nos modos de vida e nos comportamentos das pessoas, as novas concepções em relação ao casamento, as alterações na dinâmica dos papéis parentais e de gênero. (PRATTA; SANTOS, 2007. p. 247)

Neste sentido, afirma Bauman (2004) que “em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro”. (BAUMAN, 2004, p. 9).

As famílias foram transformadas em satisfação individual em preterição do amor romântico, pois, segundo Bauman (2004), em todo amor há pelo menos dois seres. Amar significa abrir-se ao destino, e isto significa em última instância, admitir a liberdade no ser, aquela liberdade que incorpora no outro.



Vivemos “numa cultura consumista que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas restadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro” (BAUMAN, 2004, p.32-33) e crescentemente nascem novas maneiras de relacionamentos oriundos deste contexto e assim uma pluralidade de famílias.

Ocorre que a adolescência é um período de grande valor e de descoberta para uma vida longa. É, pois, a fase do conhecimento que impulsiona o desejo de independência dos pais, descobertas, novos desafios, os pais vão sendo abandonados, geralmente com conflitos, sobressaem-se as relações de amizades, relações afetivas e relações com envolvimento sexuais, grande influência da mídia, um período de quebra de regras, de descumprimento de normas.

A adolescência é histórica e é construção social. Cada sociedade, em determinado momento histórico, constrói seus significados. Assim as expectativas sociais diante da idade, por exemplo, do que é ser adolescente, ou do que um grupo de amigos significa para esse adolescente, se alteram social e historicamente (TAVEIRA, 2013, p.247)

O período da adolescência é uma fase evolutiva na vida do ser humano, no qual se busca uma nova forma de visão, de si e do mundo. Neste contexto o que os adolescentes experimentam e como vivem suas experiências poderão afetar a construção de uma nova família, em conformidade com Pratta e Santos (2007) que afirmam:

O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual por meio das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar. (PRATTA; SANTOS, 2007, p. 247).

Vale a pena investigar com maior profundidade a maneira como o adolescente pensa em constituir uma família, para colaborar no seu desenvolvimento, e verificar até que ponto a família de origem constitui uma influência para que isto aconteça.

Para o bom desenvolvimento de um adolescente e possivelmente o pensamento em constituir uma família, dependerá da maneira como é a sua família e as relações que se estabelecem entre seus membros, e as relações com os pais cônjuges, se existirem, e dos

mesmos com os filhos. De acordo com Loos (2010), a família pode funcionar como um fator positivo para o desenvolvimento de uma criança. Como seja:

Uma família que oferece suporte ao desenvolvimento dos filhos se constitui um fator de proteção, pois se baseia no envolvimento mútuo entre os membros, na comunicação positiva, no relacionamento afetivo, criando uma atmosfera conjugal harmoniosa, modelos adequados, regras e monitoria, concorrendo para desencadear sentimentos positivos por parte das crianças, tanto em relação aos pais como em relação a si mesmas, aspectos que têm sido associados a características comportamentais em crianças e adolescentes, bem como a bons resultados escolares. (LOOS, 2010, p. 3)

Para Senna e Dessen (2019), a adolescência é um estágio de desenvolvimento e seu processo de ajuste e conscientização ocorre por meio do enfrentamento das novas tarefas de desenvolvimento que surgem. E dentro dessas realidades de enfrentamento estão também as relações com sua família quanto ao grau de proximidade e de distância.

A potência de um desenvolvimento na vida de uma pessoa adolescente está diretamente relacionada com o processo de comunicação na família que abrange todos os modos de comunicação com linguagem verbal e não verbal. Senna e Dessen (2019) afirmam que:

A comunicação ocorre pela transmissão não só de ideias, informações, atitudes, fatos e crenças, mas também de outros elementos externos ao meio imediato, envolvendo a escuta atenta, expressões faciais, silêncios, gestos, posturas e toques, entre outros tipos de pistas usados para dar e receber significados. (SENNA; DESSEM, 2019, p.92).

Compreende-se que a comunicação influencia no rumo das percepções dos adolescentes sobre família e no seu desenvolvimento. É como o autor Neto (2011) sinaliza ao dizer que as vivências ocorridas na infância, aliadas às expectativas e exigências da sua família e às predisposições hereditárias, irão determinar o seu comportamento na adolescência.

## 2.1. ADOLESCÊNCIAS

O adolescente é um segmento da sociedade, conforme Neto (2011). Os jovens têm papéis e funções que lhe são conferidos pelo seu sistema familiar e pela sociedade na qual estão inseridos, de acordo com as necessidades da cultura onde vivem. É frequente se dizer

que a adolescência é o período mais complicado da vida de uma pessoa, diretamente relacionada com a forma de pensar, agir, rebelar-se, entre outros.

Esvaziada de um sentido próprio, encarada como um tempo de espera, criticada em suas iniciativas e posturas, vinculada a problemas individuais e sociais, renegada em seus anseios de participação, tratada de formas contraditórias, seduzida pelos apelos incessantes do consumismo, hedonismo e individualismo, a adolescência transformou-se, de fato, numa “crise”. Não se trata de algo inerente a esse período de vida, inevitável, mas de uma construção social, que repercute tanto sobre as pessoas que atravessam essa fase, quanto sobre a sociedade. Um dos sintomas dessa “crise da adolescência” configurada pela cultura é o enredamento de adolescentes pelo fenômeno das violências, fato este que tem impactado na qualidade e até na possibilidade de vida dos adolescentes brasileiros (MILANI, JESUS, BASTOS, 2006, p. 370/371).

Para entender o comportamento do adolescente há que se levar em conta que ele já passou de uma fase, e, segundo Neto (2011), as vivências já ocorridas na infância, aliadas às expectativas e exigências de sua família e às predisposições hereditárias, irão determinar/influenciar diretamente no seu comportamento.

Embora o comportamento pareça ser o que mais “representa” os adolescentes, não pode definir quem eles são e nem quem serão de fato. Ele, o comportamento adolescente, é resultado da relação de influência que os indivíduos recebem da família e dos outros sistemas da sociedade como o trabalho, a igreja, grupo de amigos, escola entre outros., e isso faz com que cada família, segundo Neto (2011) crie sua identidade e funcione como um padrão individual.

O adolescente hoje é aquele que não se prende à faixa etária. Segundo Neto, Osorio (2011), nem sempre o início da adolescência coincide com a puberdade, tanto pode precedê-la como pode sucedê-la, porque os fatores sociais, econômicos, culturais, psicológicos, biológicos e familiares colaboram diretamente para a formação da personalidade do adolescente, fazendo com que cada um tenha sua própria fase de viver o período do adolescer. É um período do curso da vida essencial ao desenvolvimento do indivíduo.

“Tempos atrás, a adolescência não passava de uma sala de espera do mundo adulto. Com o desenvolvimento da sociedade, cada vez mais complexa, prolongou-se a duração da fase adolescente”. (GRIFFA, 2008. p.9). Com a mudança que normalmente e

consequencialmente vamos vivendo, percebemos as diversas alterações na vida de cada indivíduo, trazendo novas identidades no adolescer prolongando os aspectos da vida, ou antecipando as necessidades que outrora tinha uma fase para se pensar como a escola, a faculdade, o trabalho. As exigências se tornam maiores.

Segundo o mesmo estudo, ser adolescente, além de ser uma fase natural de mudanças biológicas e comportamentais, período de inevitáveis turbulências, tem uma característica própria dessa fase, que são as descobertas provenientes de tudo o que se viveu até agora e a percepção e relação com o mundo a sua volta, além da conturbada necessidade de processar tudo isso. Daí a importância de se ter uma base familiar sólida, para orientar e escutar esses jovens, entendendo-os e tratando-os como seres individuais, mas não individualistas.

De acordo com Griffa e Moreno (2008), a adolescência significa período de crescer, de desenvolver-se. Um período conflitivo ou de crise, um processo de mudança. Para Dolto (1990), é a fase que se conhece menos do que uma criança. Uma etapa de mutação, fase que o adolescente não consegue falar, sendo objeto de questionamentos, e conforme os pais, é carregado de ansiedade ou indulgências.

Ainda de acordo com Dolto (1990), o estado de adolescência prolonga-se segundo as projeções de que os jovens são alvo por parte dos adultos e de acordo com o que a sociedade lhes impõe como limites de exploração.

Para o Médico Psiquiatra Neto (2011) a adolescência na psicopatologia é caracterizada pelas ocorrências de transformações no comportamento do jovem, que se manifesta nos momentos de conflitos e nas reações para superá-los. Geralmente pensa em mudar as realidades da realidade e apresenta reações de desagrado.

Em nosso país o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990) que prevê direitos individuais para crianças e adolescentes (zero a 18 anos) no seu Artigo 2º. afirma que a adolescência é aquele período que está entre os 12 e os 18 anos de idade. E, em casos excepcionais, quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade, conforme os artigos 121 e 142. (Brasil, 1990).

A faixa etária compreendida entre os 12 e os 18 anos, que é a adolescência, é um período de mudanças, desenvolvimentos, crescimentos, independências. Podemos afirmar que é um período de percurso. Mas, conforme EISENSTEIN (2005) é mais que isto, mais que a idade é o que vai se fortalecendo na sua identidade e personalidade como progressos de independência, entre outros.

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social. (EISENSTEIN, 2005, p. 6).

Percebe-se, ainda, que é uma fase de muita exigência, devendo ser levado em conta que todos os momentos importantes da vida de um indivíduo poderão estar ligados à maneira que se vive a sua adolescência. Levando a entender que além das mudanças corporais, emocionais, desejos em construção, e às vezes esses desejos são mal identificados, a adolescência é a fase de muitas experiências da vida. Destacam-se na adolescência os esforços para alcançar objetivos, consolidação de crescimento e personalidade e independência econômica.

Estas experiências têm sua influência mais direta a partir da família, que de acordo com BIASOLI-ALVES (2004) indica que:

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação. (BIASOLI-ALVES, 2004, p.91)

Conforme os trabalhos de Griffa (2008), as diversas experiências iniciadas pela família ocorrem pelas relações em suas casas, com seus parentes, por meio de vínculos de amizade com vizinhos, colegas de ambientes de trabalho ou de outros ambientes que os adolescentes participam. A partir destas relações se configuram elementos na personalidade e no caráter.

É considerável para melhor compreensão do adolescente observar os fatores determinantes do desenvolvimento humano, porque são características pessoais e irrepetíveis.

Conforme Griffa (2008), o desenvolvimento da identidade pessoal é um processo lento e gradual que começa na concepção e implica um autoconhecimento. Esse processo vai sendo configurado a partir de todas as vivências do adolescente, como por exemplo: seus impulsos, suas mudanças, suas defesas, e suas qualidades obtidas.

Esta formação da identidade é construída a partir de sua infância, relacionamento com seus pais, com seus amigos e pessoas mais próximas, integrando uma fase a outra. Indica Griffa (2008):

[...] que isso se realiza a partir das identificações anteriores, infantis, que se integram a outras. As identificações com os pais mantêm seu significado, embora sejam acrescentadas a elas identificações com figuras ideais, com amigos e companheiros e até mesmo com inimigos ou identificação com o agressor temido. (GRIFFA, 2008, p.9)

Nesse período, segundo Sawasaki (2014), o indivíduo está repleto de deveres e exigências; no entanto, não possui direitos para certas coisas, para outras ainda é criança, enquanto para outras são grandes demais. Embora seja o momento em que seus pensamentos também se inclinam para a questão familiar, o relacionamento de namoro, os anseios pelo trabalho, a conquista da maioridade, a consolidação de amizades, atividades sociais e de recreação, entre outros.

Geralmente nesta fase de vida adolescente eles buscam sua identificação com aqueles que se parecem nos mesmos interesses, situações semelhantes de vida social, núcleos culturais, e ainda o sentimento de pertença a certos grupos com características comportamentais próprias. De acordo com Neto (2011, p.23), podemos classificar os adolescentes no mundo contemporâneo em três grupos, segundo o papel e a função que a exercem na família e na sociedade.

- a) No primeiro deles situam-se os jovens que, agem de forma a ajudar e a manter o sistema do que transformá-lo. Geralmente limitam sua reação à forma de se vestir, falar, andar, cortar o cabelo, a um comportamento sexual promíscuo e ao uso e abuso de drogas. São os falsos rebeldes. Poderíamos dizer que são aqueles que estão na linha de frente das mudanças, são os que a exemplo da infantaria de um exército, “morrem” primeiro e que dificilmente usufruem das suas conquistas;
- b) No segundo grupo, certamente o mais numeroso, estão os adolescentes que seguem as normas impostas pela sociedade, que vivem em harmonia com os adultos e a sociedade em geral e que, no futuro, irão repetir o modelo com o qual convivem atualmente. Seus valores estão sempre de acordo com os valores dos adultos;

- c) O último grupo, que reage às imposições do sistema social e da família, com tentativas de mudanças; não aceita os papéis impostos e apresenta-se muitas vezes como um grupo em “crise”, reagindo psicologicamente com angústia, depressão ou outros sentimentos. Podem eventualmente usar drogas, e, via de regra estão engajados em algum tipo de associação.

Aos poucos, de acordo com os autores citados, é possível perceber que cada adolescente é único, não possui uma identidade exclusiva e personalizada, mas apresenta uma diversidade que lhe é própria, e os grupos que o atraem vão definindo ainda mais o modo de se comportar e se relacionar, e isto ainda tem a contribuição dos processos de mudança na sociedade ao longo do tempo, pois, cada época imprime na sociedade um novo modo de viver, por exemplo: a década de 1990 com o avanço do globalismo e o crescimento da internet. Dusque (2011) diz que eram poucos os indivíduos que tinham acesso à rede mundial de computadores, ao passo que hoje são poucos os lares que não têm acessos diários.

Mas, ainda sobre a questão do adolescente como uma identidade pessoal, podemos dizer que, conforme Neto (2011), há a tendência de jovens repetirem os adultos na ordem natural das coisas. Os modelos propostos, e às vezes impostos, influenciam o comportamento cíclico da sociedade a cada geração.

Geralmente os adolescentes encontram em pessoas distintas das que convivem em casa, na família, modelos que se tornam certos ídolos, que decorrente de uma admiração, servem de inspiração que antes era exclusiva dos pais e demais familiares. Conforme Neto (2011), esta busca dos adolescentes de identificação fora de casa é uma possibilidade, ainda que incerta, de suprir uma necessidade, ou o que acredita ser uma necessidade, de manifestação de autoridade dos pais ou, ainda, uma forma de chamar a atenção destes para algo que os inquieta. O autor afirma igualmente que: “então o adolescente tem dificuldade de encontrar, dentro de seu meio familiar e social, em seus contatos diretos ou indiretos, alguém que sirva de modelo. Modelos são fontes de inspiração reais, que cada um de nós encontra em seu contorno social”. (NETO, 2011, p. 26.).

Os adolescentes contemporâneos participam de uma realidade que também é marcada pela perda de valores éticos, crise de estilo de vida, relativização de conduta, entre outros. Neto (2011) diz que:

A fome, a incerteza quanto ao futuro, a perda de valores éticos, a insegurança no mercado de trabalho, a destruição ecológica, o individualismo, a ausência de amor são os grandes desafios enfrentados pelos adolescentes no processo de desenvolvimento. (NETO, 2011, p.28)

Podemos considerar que a construção do futuro resultará desta vida adolescente com as definições que cada um irá assumir em sua identidade e que serão os que estarão no futuro como alguém que ocupará as funções que muitos ocupam hoje, e as novas funções, dentro e fora da família, que poderão surgir. Diante disto, percebe-se que a adolescência é uma fase de extrema importância no desenvolvimento do ser humano.

Aliado a este fator da incerteza, da perda de valores éticos, ausência de amor, entre outros, tem também o suicídio que é muito presente na vida do adolescente. No ano de 2019 a Organização Mundial de Saúde apontou que o suicídio era a maior causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos no mundo, ficando atrás apenas de acidente de trânsito (OPA/OMS Brasil, 2019). Ainda temos a questão da gravidez na adolescência como outro fator marcante na vida de muitas jovens. De acordo com o Ministério da Saúde, em 2018 ocorreram 68,4 nascimentos para cada mil adolescentes brasileiras, uma média superior à média latino-americana.

As diferentes opiniões sobre a adolescência são também influenciadoras de um padrão que dificulta e interfere na postura dos pais, educadores e dos próprios adolescentes.

As diferentes opiniões acabam influenciando as concepções da sociedade em relação à adolescência, sendo usual a associação com rebeldia, agressividade, comportamentos disfuncionais e atitudes antissociais. Este estereótipo influencia o comportamento de pais, educadores e do próprio adolescente, pois pré-estabelece um padrão de comportamento e cria mitos e preconceitos, nem sempre coerentes. (TORRES, 2008, p.9).

Não existe uma noção, um padrão único sobre adolescência, o que existe, segundo Mayorga (2006), é a presença de uma série de diferenças, que foram tratadas como meras contingências e que na realidade são constitutivas das identidades de todos nós. Isto porque as experiências e as concepções sobre adolescência são construções sociais e históricas.

Conforme Grossman (2010), na Idade Média, não havia distinção entre crianças e adultos. Quando era ainda dependente se dizia que era criança e logo após não precisando dos



cuidados intensos já ingressava no mundo adulto, participando de todas as atividades sociais. O adolescente ficava subentendido para o período seguinte ao de ser criança.

Relata Lório (2012) que na Idade Média era comum enviar as crianças após o desmame, que ocorria entre os seis e os oito anos de idade, para passarem por igual período, que hoje denominaríamos de adolescência, na casa de algum artífice, que tanto poderia ser um artesão propriamente dito, como alguém que “forjasse no adolescente” uma conduta adequada à sociedade da época.

Ainda sobre o tema, percebe-se na citada obra, que este percurso os preparava para a fase adulta, não na idade, mas na possibilidade de estar trabalhando, inseridos em funções da Sociedade, eis que a educação era entendida como uma forma de transmitir conhecimento sobre técnicas de atividades laborativas, e possibilitar as inovações destas, utilizando-se da curiosidade própria desta fase da vida. Nota-se que o empenho era puramente comercial, sem comprometimento da relação familiar.

Afirma Grossman (2010) que havia uma compreensão reduzida acerca do ser criança, tratada ainda como pequeno homem e passava a ter consideração de crescimento de acordo a evolução no corpo dos seus aspectos físicos e mentais. Ser criança era sem muito sentido a tal ponto de serem esquecidas.

A visão de mundo na sociedade medieval tinha como base a teologia cristã e os dogmas religiosos, mas também sofria a influência da filosofia grega, especialmente de Platão. A compreensão da natureza divina de forma racional favoreceu o desenvolvimento do conceito de homúnculo, cuja influência determinou a interpretação do crescimento como um aumento quantitativo dos aspectos físicos e mentais do homem. A infância era entendida como um período de passagem logo ultrapassado e cuja lembrança era rapidamente esquecida. As pinturas medievais traduzem essas crenças e sentimentos; as crianças são representadas como adultos em miniatura, sem nenhuma diferença de traços ou expressões. (GROSSMAN, 2010, p.47).

Segundo Grossman (2010), “O século XVIII foi marcado pelo movimento de ideias denominado Iluminismo, que deu suporte a uma renovação pedagógica na qual, ao lado da definição de novas práticas, afirmava-se a ideia da onipotência da educação na modelagem do indivíduo” (GROSSMAN, 2010, p.47).

O Século XIX é caracterizado pela redefinição dos papéis sociais das mulheres e das crianças, conforme Grossman (2010), pelo avanço acelerado da industrialização e da técnica e pela organização dos trabalhadores.

Foi no século XIX que a infância passou a ser encarada como um momento privilegiado da vida, afirma Grossman (2010), onde se dedicava amor aos filhos bem como investimento no futuro. Deste momento em diante é que a adolescência aparece como um sinal nítido.

No Século XIX, para os meninos, o ingresso no serviço militar definia o fim da adolescência e, para as meninas, o casamento. Havia ainda o reconhecimento da fase adolescente como um momento da vida. Cita Grossman (2010):

A adolescência masculina foi definida como o período entre a primeira comunhão e o bacharelado ou serviço militar, e a feminina entre a primeira comunhão e o casamento. Ao longo do século, a adolescência passou a ser reconhecida como um momento crítico da vida, temida como uma fase de potenciais riscos para o indivíduo e para a sociedade, uma real "zona de turbulência e contestação" (GROSSMAN, 2010. p.47)

Neste período desperta-se o individualismo conduzindo ao adolescente a uma idealização como menciona Moreira, Rabinovich e Fornasier (2021, p. 265):

Historicamente, no início do século passado, teria acontecido o despertar do individualismo, uma suposta liberdade em que o sujeito passou a ser o único responsável por suas escolhas. Neste contexto, o conceito de adolescência seria uma idealização do adulto que, ao se projetar no adolescente, negaria os conflitos que surgem no sujeito a partir do individualismo e da ordem civilizacional. (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2020, p. 265)

Senna e Dessen (2012) expressam que nas três últimas décadas, as rápidas mudanças no mundo, nas sociedades ocidentais e nas famílias vêm gerando novas preocupações e questionamentos entre estudiosos e leigos. Isto para compreender os fatores no curso do desenvolvimento individual e as relações benéficas.

Após este pequeno percurso anteriormente explicitado, chegamos ao entendimento que adolescente hoje é aquele que não se prende à faixa etária. Segundo Neto, Osorio (2011), nem

sempre o início da adolescência coincide com a puberdade, tanto pode precedê-la como pode sucedê-la, porque os fatores sociais, econômicos, culturais, psicológicos, biológicos e familiares colaboram diretamente para a formação da personalidade do adolescente, fazendo com que cada um tenha sua própria fase de viver o período do adolescer. É um período do curso da vida essencial ao desenvolvimento do indivíduo.

## 2.2. A ADOLESCÊNCIA E SOCIEDADE

Observando a adolescência enquanto significado e sentidos percebe-se como a sociedade constrói um adolescente a partir da compreensão que o indivíduo e a sociedade estão inteiramente entrelaçados, e dentro do aspecto subjetivo se constrói uma realidade conforme Salles (2005) afirma em seus estudos:

A subjetividade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o indivíduo está inserido e pelas experiências particulares que ele vivencia no interior dessa cultura que são irrepetíveis e determinam as peculiaridades e a individualidade de cada um. A singularidade, aquilo que distingue os homens entre si, é determinada concretamente. (SALLES, 2005, p. 33)

Para a nossa Sociedade Brasileira, existe o Estatuto da Criança e do Adolescente, que colocou a criança e o adolescente como sujeitos de direito com proteção e garantias específicas e uma norma de ordenamento jurídico que dispõem sobre os deveres do Estado e dos cidadãos responsáveis pelas pessoas com até 18 anos incompletos. Assim, de acordo com a legislação pátria, os adolescentes são aqueles que têm entre 12 e 18 anos de idade incompletos, definição está contida na Lei 8.069 de 13 de Julho de 1990 (ECA).

A adolescência é vista também pela chegada da puberdade, porém, ao longo do tempo vem sendo transformado o conceito de adolescência na sociedade, pois, distingue-se do fenômeno natural, que é a puberdade, do fenômeno sociocultural, como aponta Milani (2007):

A adolescência é um fenômeno sociocultural, enquanto a puberdade é um fenômeno natural. A puberdade consiste nas mudanças físicas, na fisiologia e na morfologia da pessoa em crescimento, que caracterizam a transição entre a infância e a adultez - é quando o menino se transforma em rapaz e a menina, em moça. Adolescência é mais ampla que puberdade, é o conjunto das transformações psicossociais e biológicas, quer dizer, transformações psicossociais que via de regra vêm acompanhadas ou são desencadeadas pela puberdade. A puberdade é universal. Existe em todos os povos e em todas as

épocas. A adolescência não é universal, não é um dado da natureza, e sim, um fenômeno sociocultural. Ela não existia em eras passadas e não existe em todos os povos. O significado da adolescência vem se transformando ao longo do tempo. (MILANI, 2007, p. 5)

Pode-se dizer que o que tem maior força na formação da personalidade dos adolescentes são as identificações que estes buscam no seio familiar e que ocorrem também com os grupos sociais que eles participam, e ainda as inclinações que eles possuem para idolatrar alguém e fazer desse alguém um modelo. A isto soma-se as outras características de formação de identidade. O adolescente não é mais criança, mas também não é adulto, pretende ser o que ainda não é e não admite ser o que ainda é. Neste sentido, destaca-se a afirmação de Salles (2005) que assim descreve:

A adolescência se configura, então, como um período de experimentação de valores, de papéis sociais e de identidades e pela ambiguidade entre ser criança e ser adulto. O jovem está apto para a procriação, para a produção social e para o trabalho. Porém, a ambivalência da sociedade quanto à possibilidade de efetivação dessas aptidões faz com que ele adquira um status intermediário e provisório, e passe a ser tratado de forma ambivalente: como criança e como adulto. (SALLES, 2005, p.36)

Cada adolescente faz a seu modo esse período de transição. O enfoque principal não está na idade. Por mais semelhanças que alguns possam ter uns com os outros na mesma faixa etária, independentemente acontece o seu crescimento para a formação de sua personalidade. A sociedade observa esta fase com outros olhos, que é o da manipulação por interesses econômicos, e assim quanto mais os adolescentes forem subdivididos em grupos agrada mais ainda aos interesses econômicos. Assim afirma Milani (2007):

Na nossa sociedade a adolescência tem cada vez se transformado numa coisa muito complicada e complexa, principalmente porque está sendo manipulada por interesses econômicos. Quanto mais o adolescente se rebelar contra os pais, ou for “do contra”, não importa contra o quê, quanto mais os adolescentes forem subdivididos em tribos e galeras, e, finalmente, quanto mais precocemente se iniciarem esses fenômenos e mais tardiamente se encerrarem, melhor será para os interesses econômicos da indústria do consumo, da diversão, do lazer. É exatamente isso que está sendo promovido. (MILANI, 2007, p. 5)

Por isso, atualmente o termo adolescência passou a ser empregado e visto em diversas pesquisas como adolescências, usado no plural, porque é a única possibilidade, segundo Moreira, *et al*, (2018) de designar tais momentos da vida entre a infância e a juventude e

adulter, pois há além da diversidade sociocultural que a caracteriza, a discussão quanto aos seus limites etários.

A definição etária não corresponde à realidade individual e sociocultural da fase do adolescer, e não são tidas como verdade absoluta, mas tão somente como parâmetros de estudo e observação para melhor compreender a dinâmica do desenvolvimento humano, propiciando a elaboração de mecanismos de proteção e orientação eficazes nesta fase do crescimento do indivíduo, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Organização Mundial de Saúde.

A adolescência vai se tornando uma construção social, considerando as condições históricas, políticas e culturais que de diferentes épocas produzem transformações no entendimento da adolescência. Conforme Salles (2005), não só na representação social do adolescente, mas também na sua interioridade.

É no interior da pessoa que é formada a sua personalidade, mas também os fatores externos influenciam de maneira direta. Uma pessoa nasce numa história e vive numa condição de vida, numa cultura que predomina de acordo com o local que se vive, a família, ao ambiente da sociedade entre outros. Melhor entendendo o que é a personalidade, considera-se a afirmação de Neto (2011) que diz ser a personalidade o modo de ser do indivíduo resultado de alguns componentes:

É resultado de uma série de componentes: os fatores hereditários, as experiências emocionais, principalmente com os pais, nos primeiros anos de vida, e as experiências traumáticas da realidade da vida adulta. Em resumo, a personalidade reflete a interação entre fatores biológicos e as mais diversas variáveis ambientais. (NETO, 2011, p.32)

Assim fica mais esclarecido que um adolescente é resultado tanto das questões familiares como também do contexto social externo em que está inserido, podendo ser mais bem compreendidos a partir da análise da relação existente entre estes aspectos. Salles (2005) afirma que às vezes o indivíduo é caracterizado como mera reprodução da sociedade, e, às vezes independente dela, como se existisse um paralelismo entre eles.

Conforme aponta Quiroga (2005), a juventude não consiste em um fenômeno meramente demográfico. Trata-se de uma complexa condição social, que influencia e é influenciada pelas diferentes culturas e possui uma dinâmica mutável.

Segundo Salles (2005) é importante ver que a realidade é subjetivada pelo indivíduo na relação entre o social, que determina as significações, e o individual, dado pela elaboração e transformação dessas significações pelo indivíduo, de acordo com suas experiências pessoais.

Ser adolescente é um fator subjetivo vivenciado por cada indivíduo em diferentes práticas e vidas, levando em consideração os fatores que atingem diretamente a eles na construção de sua percepção e visão de mundo, pela construção que a sociedade faz e por fatores internos que falamos anteriormente como processo de formação de personalidade.

De acordo com Bock (2007), falando da adolescência na perspectiva sócio histórica:

A adolescência não é vista aqui como uma fase natural do desenvolvimento e uma etapa natural entre a vida adulta e a infância. A adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência enquanto fenômeno social, mas o fato de existirem enquanto marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural. (BOCK, 2007, p.63).

De modo complementar, Frota (2007) aponta a fase das adolescências como uma construção sem fim, podendo ser reconstruída de acordo com a história e os tempos.

Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se reconstrói dentro de uma história e tempo específicos. (FROTA, 2007, p.144).

São diversos os fatores que “produzem” os adolescentes. São sempre mais plurais e assim cada adolescente na sociedade é sempre diferente e mais divergente, conforme autores já mencionados.

Aliado a estas percepções temos que contar com o contexto social no ambiente da vida como a família, o mercado de trabalho, a tecnologia, a realidade escolar, as mudanças na educação, todos estes associados à construção da personalidade do adolescente, que contribuem diretamente com a formação individual.

Para Salles (2005), a sua identidade é construída hoje numa cultura caracterizada pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo onde a ênfase está no presente, na velocidade, no cotidiano, no aqui e agora e na busca do prazer imediato.

Além disso não se pode deixar de dizer que outro, e talvez o mais importante, fator social que constrói uma identidade de adolescente são as famílias, o primeiro ambiente social que a pessoa faz parte. Por isso, conforme Neto (2011. p.33) “um aspecto importante a ser levado em consideração é a cultura da família. Principalmente porque os pais também influenciam a formação do futuro adulto ao se posicionarem em relação a questões como sexo, religião, ética entre outros.”.

Os pais são fundamentais na vivência da relação para construir a cultura da família. As características resultantes do convívio, das relações, do aprendizado natural são indispensáveis na vida de um adolescente. Com ele estará para sempre traços que foram adquiridos na vida familiar, dando-lhe a personalidade que tem.

Sendo o lugar onde os pais influenciam a formação, torna-se a família um ambiente necessário e indispensável para formar uma nova personalidade, para conduzir a um desenvolvimento completo e para iniciar nos valores e normas da sociedade. A família tem a primária responsabilidade de oferecer toda proteção e condições para o indivíduo da infância à adolescência. E, toda a iniciação nos valores e na cultura começam na família.

De acordo com Singly (2000), a partir da segunda metade do século XX a família passou por um processo de intensas transformações econômicas, sociais e trabalhistas, sobretudo nos países ocidentais. Diversos fatores concorreram para essas mudanças, dizem Pratta e Santos (2007), como o processo de urbanização e industrialização, o avanço

tecnológico, o incremento das demandas de cada fase do ciclo vital, a maior participação da mulher no mercado de trabalho, o aumento no número de separações e divórcios, a diminuição das famílias numerosas, o empobrecimento acelerado, a diminuição das taxas de mortalidade infantil e de natalidade.

É um tempo novo, como cita Petrini (2012), com desvalorizações do passado e tendencioso a abandonar o que exige disciplina, fidelidade e sacrifícios, como ele afirma:

Inaugura-se um tempo separado de suas origens e de seu destino: homens e mulheres sem raízes e sem metas, a não ser a fruição dos bens que a modernidade oferece numa nova edição do *carpe diem*. Com a desvalorização do passado, a derrocada das construções voluntaristas e com a tendência a abandonar qualquer sistema de significado que exige disciplina, sacrifícios e fidelidade aos compromissos assumidos, o período pós-moderno reduz de forma inédita o arco do tempo ao momento presente. (PETRINI, 2012, p. 22).

E ainda, Pratta e Santos (2007) afirmam que há de se considerar o nível de vida da população, as transformações nos modos de vida oriundos da globalização, do capitalismo, da emancipação da mulher e nos comportamentos das pessoas, as novas concepções em relação ao casamento, as alterações na dinâmica dos papéis parentais e de gênero.

Os adolescentes são partícipes destas realidades, vivendo em famílias que são o lugar das mudanças. Pois, para Neto (2011) a qualidade de convívio com os pais a partir do nascimento certamente influenciará o comportamento futuro dos filhos nas suas relações mais íntimas e na forma como lidarão com as pessoas ao seu redor.

Surge uma geração de adolescentes com padrão coletivo de comportamento oriundos do grupo que eles participam e vivem sem suas famílias. Book (2007) diz que a adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista.

Talvez por isso muitos estudiosos, dentre os quais Márcio Luiz Corrêa Vilaça (2001) e Eni de Mesquita Samara (2002) e Leila Maria Ferreira Salles (2020), dizem que a idade mais difícil é a adolescência, devido a ser um período marcado por confusões, sentimentos dúbios, comportamentos muitas vezes rebeldes, e pouco compreendidos. Um período de autoidentificação e autoconhecimento. Conforme Neto (2011), o conjunto de elementos



estabelece a história do indivíduo. A partir dela podemos conhecer os principais fatores que influenciaram na formação de sua personalidade.

Neste mesmo sentido, assim afirma Garcia e Rocha (2008):

Se a construção da adolescência veio no bojo de um projeto de institucionalização do curso da vida, o processo de *teenagização* da cultura estaria promovendo sua desinstitucionalização, tornando a adolescência cada vez mais estilizada e menos vinculada às limitações de idade. Nossa hipótese é que essa idealização da adolescência na experiência subjetiva contemporânea estaria sendo facilitada por um cenário cultural pós moderno, regido pela lógica do consumo e pelo culto à liberdade. (GARCIA; ROCHA, 2008, p.622).

A adolescência é socialmente um período idealizado e vem-se identificando nesta construção social que ser adolescente tem tempo de início, mas não tem um período específico de fim. É nesse sentido que Calligaris (1998) afirma que a adolescência é hoje um ideal cultural que causa impressão em nossa sociedade, porque parece ter tomado para si a função de representar o ideal tantas vezes ressignificado ao longo da História:

Desse ponto de vista, pouco importa se a adolescência idealizada é a nossa mesma, a de nossas crianças ou a de nossos netos. Pouco importam os traços da cultura adolescente que podemos adotar, pois, por meio dessas preferências variadas, idealizar a adolescência é um gesto celebrador de nossa própria cultura, uma maneira de tecer o elogio da liberdade. (CALLIGARIS, 1998, Folha de S. Paulo, p.4).

Ainda se destaca a questão da vulnerabilidade social que trazem consequências aos adolescentes que estão neste contexto de desigualdades sociais e são afetados diretamente, podendo propiciar uma condição de marginalização, exclusão, perda de direitos fundamentais, forte sentimento de solidão e vazio de existência.

As crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são aquelas que vivem negativamente as consequências das desigualdades sociais; da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância à vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de perspectivas de entrada no mercado formal de trabalho; da entrada em trabalhos desqualificados; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de

drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas (PEREIRA, 2010 p.1).

Aquela idealização que se lança socialmente gera depois uma vulnerabilidade porque não há condições de arcar com toda a projeção feita sobre estes jovens. Estes precisam se desenvolver a partir das oportunidades que são deficientes. Pois o mercado de trabalho tem dificuldade de absorver pessoas nesta idade com pouca experiência ou com pouca qualificação, os governos com dificuldade de atender a demanda das realidades e a tendência da cultura que acelera a sexualidade destes adolescentes a uma vida precoce e multiplicadora das vulnerabilidades.

As relações em contexto de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com a autoestima consideravelmente comprometida. Estes jovens e suas famílias introjetam como atributos negativos pessoais as falhas próprias de sua condição histórico-social. De forma circular e quase inevitável, este ciclo se instala reforçando-se a condição de miséria, não só no nível material, como no nível afetivo. As pessoas, desde muito jovens, percebem-se como inferiores, incapazes, desvalorizadas, sem o reconhecimento social mínimo que as faça crer em seu próprio potencial como ser humano. (PEREIRA, 2010, p.1).

A adolescência na sociedade, para Neto e Osorio (2011), embora seja um fenômeno igualmente universal, tem características bastante peculiares conforme o ambiente sociocultural do indivíduo. Certamente diversas observações acerca do adolescente e da fase da adolescência são ainda insuficientes para a grande realidade de identidade que as constitui.

### 2.3. ADOLESCÊNCIA E O PERÍODO ESCOLAR

O período escolar na faixa etária da adolescência tem um papel relevante na contribuição do desenvolvimento humano. A escola torna-se mais que o ambiente que favorece a educação científica. De acordo com Rego (2003) é nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela.

Ainda segundo Rego (2003) a escola é o local onde os adolescentes formam grupos, têm uma relação de amizade, são moldados pelo meio, e assim atualizam suas aparências, modos de vestir, pensamentos sobre carreira e outros interesses. E por ser um tempo de

muitos anos que o adolescente passa numa escola (provavelmente entre o ensino fundamental e o ensino médio), é impulsionado e promovido em seu potencial.

Segundo Olímpio e Marcos (2015) a escola é o lugar em que se espera o encontro de dois sujeitos: um, o professor com o interesse de transmitir conhecimentos; e outro, o aluno com o interesse de recebê-los.

Para Neto (2011), a vida conturbada e atribulada nas cidades induz os pais a delegarem à escola a responsabilidade pela educação de seus filhos. Essa expectativa dos pais esbarra em algumas dificuldades. Esta tarefa compete tanto à família quanto à escola. Sendo que a escola corresponde mais com seu papel social, assim aponta Dessen e Polonia (2007):

Como um microsistema da sociedade, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo. (DESSEN; POLONIA, 2007, p.21).

O adolescente na escola está vivendo o seu processo de mudanças em sua passagem da fase da infância para adolescência e desta para a juventude e vida adulta, e isto exige ainda mais da escola, devido ao fato de ser uma fase de desenvolvimento de habilidades que requer uma atenção específica. Conforme Olímpio e Marcos (2015), surgem as queixas dos dois lados: da família e da escola em virtude dos comportamentos:

No âmbito educacional, a família e a escola se queixam de adolescentes com agitação motora; agressividade, conflitos e comportamento desafiador; baixo rendimento escolar; desinteresse e desmotivação; dificuldade de concentração; dificuldade de socialização; repetências sucessivas e abandono dos estudos. (OLIMPIO; MARCOS, 2015, p.498).

Ainda segundo os autores acima, o comportamento destes adolescentes na escola, esclarecido pela psicanálise, “é um apelo ao outro. [...] Tentativa do adolescente em ser escutado. [...] Apelo a restituição do Pai” (OLIMPIO; MARCOS, 2015, p. 498).

Se antes os adolescentes queixavam-se do excessivo rigor e controle dos pais impedindo-lhes a aquisição de autonomia que buscavam, hoje a queixa dos jovens é com relação ao abandono em que se acham pela omissão dos pais

em lhes oferecer parâmetros para guiá-los na vida. (NETO; OSORIO, 2011, p. 55).

A escola, e particularmente o período do ensino médio, torna-se um espaço de maior aprendizado do adolescente pois é lá que ele passa, na maioria dos casos, um terço de seu dia e de sua própria adolescência, vivem e manifestam as suas angústias, alegrias, inseguranças, contestações, submissões, fantasias, projetos, aspirações e indecisões, entendimento este apontado por NETO (2011, p.112). Daí aparecem os diversos comportamentos que acabam sendo manifestados na escola.

A escola também é o ambiente que sinaliza as dificuldades do adolescente que, por muitas vezes escondidas atrás de um comportamento ou um atributo não percebido, manifestam-se no cotidiano escolar. Neto (2011, p.112) chega a afirmar que “a timidez, a lentidão, o retraimento, a insegurança, a depressão e o uso de drogas, assim como a situação social e familiar interferem no rendimento do aluno”.

Para Neto (2011), os professores exercem um papel na sociedade, que é o de anteparo entre os adultos (pais, principalmente) e os adolescentes, resultado da convivência diária com os jovens. E conseqüentemente alguns professores servem de inspiração, sendo formadores de opinião para a vida do adolescente. Por isso que se pode dizer, conforme Oliveira e Araújo (2010), que a família e a escola são os principais contextos de desenvolvimento. São os locais de educar por excelência. (“Educar” vem do latim “*E + ducare*” que significa “trazer para fora algo”, neste caso, o conhecimento).

A família, segundo Oliveira e Araújo (2010) é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social. A escola e a família têm suas especificidades e suas complementariedades:

A escola é a instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado. A escola se relaciona com a ciência e não o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (Ciência) e ao rudimento (base) do saber. (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2010, p.99).

Neto (2011) indica a escola e o meio social a que o indivíduo pertence como os ambientes em que se iniciam os condicionamentos e exigências sociais que irão determinar um outro tipo de atitude e que irão influir no seu comportamento.

O espaço da escola é o lugar de exercitar o que os adolescentes aprendem na família e se projetam para o exercício da convivência em sociedade. Conforme Neto (2011) é na escola que eles definem sua vocação e opção profissional por ter como função a socialização do saber sistematizado.

Assim, tem-se que a escola é o lugar de grande influência na vida humana, já que um bom período de desenvolvimento humano é passado no ambiente escolar.

A escola é um lugar protagonizado por indivíduos que estão passando pelo período do desenvolvimento humano conhecido como adolescência, cumprindo o papel de preparar para a vida adulta, além de aprenderem a trabalhar, assimilar regras sociais, conhecimentos básicos, valores morais coletivos e modelos de comportamentos considerados adequados pela sociedade (JUNIOR; MARTINS, 2019, p.1)

#### 2.4. ADOLESCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Tendo em vista o amplo e crescente acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs) na sociedade contemporânea, e com o domínio dos computadores, os jovens fazem parte desta era da cibernética, que segundo Lévy (2000) é uma grande rede de comunicação gerada pela interconexão mundial de computadores que abriga um universo oceânico de informações, onde os seres humanos navegam e alimentam esse universo.

A palavra cibernética surgiu definindo esta realidade por Gibson na década de 1980, citado pela primeira vez em seu livro de ficção “Neuromancer”. Desta palavra surge o ciberespaço que o autor definiu assim:

Uma alucinação consensual, vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças a quem estão ensinando conceitos matemáticos [...] Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável (GIBSON, 2003, p. 53).

Segundo Bozza (2016) não se trata de um espaço físico, mais de um espaço intocável, imaginário, virtual, onde circulam dados originados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, que resultam numa forma específica de se relacionar.

Para Parnaíba e Gobbi (2010) o surgimento e a evolução de técnicas e tecnologias modificam as sociedades em seus mais variados segmentos. E não podemos imaginar que a juventude ficaria de fora deste contexto. Pois já previa Lévy (2000) que o ciberespaço seria o principal meio de comunicação do século.

O jovem nascido rodeado pela tecnologia digital, conforme Parnaíba e Bobbi (2010), está acostumado a interagir, explorar, construir, descobrir. Ele é um “produto” de uma sociedade cercada pelas mais diferentes tecnologias. E com um curto período vai buscando interagir com as novas formas e se diversificam em sua maneira de conceber a vida, as relações, o mundo, entre outros.

Os adolescentes hodiernos encontraram as tecnologias no mundo como algo “normal” e surpreendente, inseridos na sua vida cotidiana, levando a substituir maneiras de estudar, que há aproximadamente duas décadas usava-se as bibliotecas e os livros. E com a chegada da internet, foi-se cada vez mais reduzindo o seu uso. Para Neto (2011) mesmo tendo um possível abandono dos livros, houve avanço no acesso às informações com a chegada da internet, o conhecimento se tornou mais acessível e as gerações se distanciaram.

Se por um lado os livros são esquecidos e geralmente lidos por obrigação escolar, por outro, as informações adquiridas por meio da Internet permitem, para muitos, uma intimidade com a globalização, ampliando seu conceito de mundo, permitindo uma adaptação mais rápida aos novos tempos. Cada vez mais eles entendem uns aos outros e as mudanças que ocorrem no mundo, em muitos casos melhor que os próprios pais e professores. Os meios de comunicação, a velocidade e a quantidade de informações recebidas pelos jovens criaram uma distância ainda maior entre gerações. (NETO, 2011, p. 27).

Consoante os mesmos autores, o contexto dos adolescentes é intimamente ligado ao mundo virtual, eles são fascinados e são mais disponíveis para esta realidade do que para outra que não tenha interação com a internet. É o meio que eles dominam mais do que os adultos e exercem possibilidades de descobrir e de expressar qualquer coisa com uma rapidez nunca imaginada e sem precisar da presença física ou de alguém para os instruir.

A sociedade ganhou novas formas de ser e de viver devido a presença das Tecnologias da Comunicação e Informação, sobretudo no que tange as várias redes sociais disponíveis. De acordo com Correr e Faidida (2017), a chamada revolução tecnológica encurtou distâncias, globalizou costumes, criou um mundo virtual, no qual as pessoas podem ser ou se apresentar não apenas como realmente são, mas também como gostariam de ser.

Para Vilaça e Araújo (2016), a vida na sociedade está rodeada de tecnologias em diferentes formas e maneiras que ocupam outros espaços que anteriormente precisavam de um momento, lugar e fio (na época da internet discada). Conectar-se à internet no meio dos anos 1990 e até o início dos anos 2000 era um pequeno transtorno para a casa. Os celulares eram ainda raros e pouco funcionais, a comunicação acontecia de fato pelo telefone fixo – muitas vezes de disco – e a internet discada ocupava a linha de telefone da casa.

É uma recriação de experiências na sociedade, conforme discorre Vilaça e Araújo (2016):

A popularização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) recria as experiências na sociedade, proporcionando diferentes práticas sociais e meios de comunicação. As mídias digitais, principalmente a Internet, deixam de ser exclusivas do computador desktop e passam a ocupar outros espaços, como ruas, praças, bancos, restaurantes entre outros. Passam a contribuir, portanto, para a organização do cotidiano da vida urbana e seus espaços públicos. A cidade contemporânea, rodeada de tecnologias, vem experimentando diferentes formas de relações sociais entre os seus usuários. As redes sociais digitais possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários da rede, que leiam notícias, opinem, reivindiquem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente. São novas maneiras de compartilhar, usufruir e fazer parte da sociedade em que vivem. (VILAÇA; ARAÚJO, 2016, p.17)

Correr e Faidida (2017) apontam que existe um instrumento midiático que faz com que estejamos unidos à internet a todo o tempo:

O telefone celular deixou de ser simples meio de comunicação, para incorporar novas funções permitindo o acesso à rede mundial da internet, tirar e disponibilizar fotografias e vídeos, ouvir músicas e jogar, entre tantas outras. Este instrumento midiático tem possibilitado aos adolescentes uma interação maior com os membros de seu grupo, em qualquer lugar e a qualquer hora. Além disso, facilita na organização de suas tarefas diárias e favorece o desenvolvimento de maturidade que traz como resultado uma

maior autonomia e privacidade, longe dos olhares dos adultos. (CORRER; FAIDIDA, 2017, p.24).

Isto também ampliou a quantidade de horas ao celular ou em outro meio de acesso à internet, e o tempo no quarto, às vezes atravessando as madrugadas sem dormir como um costume e isso gerou mais ainda sentimentos de solidão e de necessidade de conversar, ainda mais presente na era do adolescente destas últimas décadas. Vai aparecendo na sociedade uma “cultura” de adolescentes sozinhos e com relações efêmeras, sem profundidade e firmeza. Consolidando este entendimento, afirma Neto (2011):

Os adolescentes se sentem sozinhos e isolados, e às vezes reclusos em seus próprios mundos, necessitando em alguns momentos de um pai, uma mãe, um professor ou um amigo que os escute, entenda e compreenda. É bem possível que, na agitação do mundo moderno cuja corrida (para chegar primeiro e no fundo, ter mais que os outros) é de ordem eminentemente individualista e egocêntrica – não haja mais espaços para contatos duradouros e profundos, não só entre os amigos, mas inclusive no seio familiar. (NETO, 2011, p.27)

Embora apareça essa realidade da solidão, da necessidade de conversar, de relações mais profundas, em contrapartida eles estão inseridos virtualmente em várias conexões de relacionamentos, inclusive com jogos que interagem com outros virtualmente de maneira on-line. Isto evidencia o crescimento das relações virtuais em número de horas crescente e dominante de uso, porém ocorre o fator do distanciamento dos contatos diretos com as pessoas. Valendo citar a máxima de que para cada ganho, uma perda.

Para Prioste (2013), estes dispositivos tecnológicos criaram uma ambiência peculiar em que novos hábitos e costumes se configuram lançando o adolescente em um novo habitat.

O adolescente possui em suas mãos uma porta para esse novo habitat, e nunca perde de vista o seu celular. Ele se torna um membro do corpo, e em qualquer momento e lugar ele está como indispensável, trazendo um novo panorama de vivências entre os jovens. Assim Prioste (2013) aponta que com o surgimento dos smartphones, os jovens já acessam imediatamente sem necessidade de ir até um computador, fazendo com que sempre estejam conectados.



O uso em maior parte do tempo tem sido observado por pesquisadores como causadores de adicção, dependência psicológica ou compulsão por coisas como a internet por exemplo, conforme relatam Moromizato *et al* (2017):

A internet se tornou uma ferramenta extremamente necessária na vida atual. O acesso rico à informação, à comunicação instantânea e ao entretenimento fez crescer exponencialmente o número de usuários da web nos últimos anos, que chegou a 2,5 bilhões em todo o mundo, tendo como grupo majoritário adolescentes e adultos jovens. Paralelamente aos benefícios, emergem os efeitos prejudiciais do uso de forma desadaptativa e a Adicção por Internet (AI), considerada uma epidemia do século XXI, digna de preocupação como um problema mundial de saúde mental.

Em muitos casos se percebe somente o uso excessivo da internet, que consiste no gasto de tempo exagerado, de forma descontrolada e consumindo o tempo necessário para outras atividades do indivíduo. A AI é caracterizada pelo uso com padrão desadaptativo, levando a danos clinicamente significativos ou sofrimento emocional.

Adicção por internet, dependência, uso patológico, vício ou uso problemático são termos utilizados como sinônimos na literatura para nomear esse uso desadaptativo. Esse transtorno é descrito como uma preocupação intensa com o uso da internet, uso compulsivo, gasto de tempo excessivo na web, incapacidade para manejar esse tempo, considerando ainda o mundo sem internet desinteressante, irritabilidade no caso de ser interrompido quando está conectado e diminuição dos relacionamentos sociais por causa desse uso. (MOROMIZATO *et al*, 2017, p.497)

Tendo sido verificado nos diversos conceitos de adolescentes que ultrapassam o limite de ser apenas um fator biológico, verifica-se que o uso das redes sociais e tecnologias da informação, quando se dá de maneira exagerada pode causar mudanças que interferem no desenvolvimento do adolescente.

Dentre as mudanças que podem causar no adolescente decorrente das tecnologias digitais, sem pretensões de esgotar o assunto, destacam-se as do aprendizado, que de acordo com Tapscott (1999, p.1) existem oito:

- 1) O aprendizado linear é substituído pelo aprendizado hipermídia;
- 2) A instrução pela construção e descoberta;
- 3) O professor sai do centro e entra o aluno;
- 4) A absorção da matéria é substituída por “aprender a aprender”;
- 5) O aprendizado que era apenas escolar, agora é vitalício;
- 6) A aula que tinha “um-tamanho-para-todos” passa a ser mais individualizada;
- 7) A escola vista como tortura passa a ser vista como diversão;
- 8) E o professor transmissor de conhecimento, torna-se um facilitador no processo de aprendizado.

E isto reafirma o que disse Lévy (1999), quando ponderou que o virtual é o novo ídolo de nossos tempos. Para ele o ídolo só existe por causa de quem o adora. Assim o virtual passa a ser real. Porque o virtual e o real são apenas dois modos diferentes da realidade.

## 2.5. FAMÍLIAS E A CRISE DA PÓS-MODERNIDADE

Buscando a compreensão sobre as mudanças na família, é preciso partir do próprio conceito de família, cuja definição é ampla. Porém, considera-se a família como o lugar em que a pessoa está inserida por nascimento ou adoção e contexto das diversas interpretações para o indivíduo diante de uma vasta diversidade de conceitos. Conforme Maluf (2010).

A família é originariamente o lugar onde o homem se encontra inserido por nascimento ou adoção e nela desenvolve por meio das experiências vividas sua personalidade e seu caráter. O conceito de família vem sofrendo, com passar dos tempos, inúmeras transformações de caráter público e privado em face do interesse e do novo redimensionamento da sociedade. Desta forma, por meio de uma interpretação sistêmica dos princípios constitucionais, dos grandes debates doutrinários multifacetados e da interferência legislativa, visa a pós-modernidade, reconhecer direitos familiares a todos os cidadãos tendo em vista sua rica diversidade, a solidariedade e o melhor interesse de seus componentes. (MALUF, 2010, p.1)

Conforme Donati (2011), em geral cada cultura tem sua própria representação da família, com três definições, que podem ter uma prevalência entre elas e que devemos assumir a partir do ponto de vista relacional.

“E pode ser definida como lugar-espço (a casa), célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico), modelo (padrão simbólico), relação social (isto é, como ação recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais entre sujeitos). Nas diferentes teorias, pode-se identificar o prevalecer de uma destas abordagens ou uma mescla delas. Mas, de qualquer forma, é possível dizer que, à medida que a sociedade se articula, torna-se complexa e se diferencia, devemos nos afastar de analogias espaciais e biológicas para assumir um ponto de vista relacional.” (DONATI, 2011, p. 49).

Definir família é amplo, como que montar um quebra cabeça, diz Donati (2011), porque ao longo do tempo e da história as estruturas e os conceitos mudam por conta dos fatores que estão relacionados com a família que são as questões sociais, políticas, culturais, econômicas, educacionais, entre outras. Envolve uma rede de relações. Assim, Flexor (2015) afirma que a definição de família continua incompleta e frequentemente já ultrapassada. E que

de qualquer forma, é preciso concordar que a família constitui um valor fundamental à vida social. E, mesmo que as definições possam ser variáveis, isto não significa que a família não possa ser conceituada, afirma Donati (2011), aliás, como ele diz cada cultura possui sua representação de família.

Nas décadas de 1930 e 1940, segundo Flexor (2015) apareceu o conceito de família patriarcal, monogâmica, que vigorou, e para muitos estudiosos ainda vigora, amplificou-se e generalizou, tornando-se mito incontestável.

Sinteticamente a cada década observa-se as ocorrências que vão alterando o conceito de família, ou poder-se-ia também dizer que ampliando. A autora Flexor (2015) diz que os historiadores começam a dar atenção a este tema na década de 1970 seguindo, anos depois com outros estudos baseados nos franceses e americanos, e no Brasil, tendo como base a Constituição Federal, mas com observância da década de 90.

A família passa por transformações nas suas configurações desde o período colonial, como já vimos, e a partir das mudanças sociais, aconteceu o declínio do patriarcalismo e hoje está totalmente investida por forças sociais, e uma família que não tenha consciência disso é ainda mais determinada pelas forças sociais dominantes. (GIUSSANI, 2004, p. 188).

As necessidades que a família contemporânea enfrenta geram uma demanda cada vez maior por políticas sociais que possam oferecer respostas. Nos últimos anos, a família tem sido acolhida como parceira da administração pública no enfrentamento dos problemas relativos à saúde, educação, segurança, entre outros.

Estas necessidades apontadas de uma maior demanda de políticas públicas, faz compreender que as transformações geram e fomentam o desenvolvimento destas políticas públicas. É o que afirma Pereira (2006):

Contudo, se analisarmos criteriosamente o processo de formação e desenvolvimento das políticas públicas, veremos que na base de cada uma delas encontram-se necessidades humanas, que foram problematizadas e se transformaram em questões de direito. Isso acontece porque, por um lado, os seres humanos não são perfeitos, autossuficientes, onipotentes, infalíveis, imortais e, portanto, não são imunes a carecimentos e fragilidades. Mas, por outro lado, isso acontece porque os mesmos seres humanos são criativos e

dotados de capacidade de realização que, impulsionada por necessidades percebidas e socialmente compartilhadas, tem-lhes permitido superar estados de carência por meio do trabalho, movimentos e lutas, ou de contratos sociais. (PEREIRA, 2006, p.67)

Então, as necessidades que as famílias fazem surgir na sociedade são base para o desenvolvimento de políticas públicas, compreendendo Pereira (2006) quando afirmou que nesta base se encontram necessidades humanas que foram problematizadas. Bem como a força criativa de cada pessoa permite por meio dos esforços e movimentos superar a carência das políticas públicas e avançar nas suas capacidades.

Aspectos subjetivos da convivência familiar tomam o lugar de aspectos objetivos: a família passa a ser considerada uma realidade particular, cujo significado diz respeito somente ao percurso existencial das pessoas que a integram.

A família assume o papel de um grupo social em que se expressam afetos, emoções e sentimentos. Ela é desde sempre, conforme Biasoli-Alves (2004), correspondente a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação.

Para Pratta e Santos (2007), a família é instituição basilar na formação das pessoas, senão vejamos:

o grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual por meio das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar. (PRATTA; SANTOS, 2007 p.247).

Pode-se dizer, assim, que a família é responsável pelo processo de constituição de uma personalidade e contribui diretamente no comportamento, e, conforme Schenker e Minayo (2003), como socialização primária das crianças e dos adolescentes.

Como se pode ver a família tem relevância para a vida em sociedade. É uma importante instituição, a base de formação para todo o indivíduo e é no convívio familiar que se constrói uma personalidade na formação do caráter, do respeito, da disciplina, entre outros

valores que colaboram diretamente com o desenvolvimento da própria sociedade como um todo.

Vieira (2015, p. 135) justifica que a família é um bem para a sociedade apresentado os cinco motivos: “é o centro onde nascem futuros membros da sociedade; porque oferece a base afetiva em que se constrói a personalidade; porque o laço familiar é a primeira experiência do laço social; por causa da solidariedade familiar e porque é um bem para o ser humano”.

O mesmo autor discorre sobre cada realidade. Como centro onde nascem os futuros membros da sociedade, afirma:

A família é um bem para a sociedade, primeiro, porque é o centro onde nascem e crescem os futuros membros da sociedade. As crianças nascem numa família e, ao nascer, fazem parte da família. É no seio da família que recebem a educação a que têm direito. A família é o primeiro laço de transmissão da cultura. Este papel é insubstituível: o ser humano nasce e cresce no seio de uma família; constrói a sua identidade no seio de uma rede de laços de parentesco. Estamos convencidos (mesmo que esta evidência não seja fácil de demonstrar) que um mundo sem família, em que as crianças seriam geradas em máquinas, sem pais, para em seguida se juntarem, seria muito grave para a existência da humanidade. (VIEIRA, 2015, p 135).

Apontando como base afetiva em que se constrói a personalidade o autor dispõe:

A família é um bem para a sociedade porque oferece a base afetiva em que se constrói a personalidade. É preciso ser amado, encorajado, para adquirir a confiança suficiente para poder autorrealizar-se como pessoa, tornar-se pessoa ativa e participativa na vida da sociedade. Quando nascemos, temos necessidade de afeto. É deste modo que adquirimos a força interior necessária para viver, para construir, para resistir às adversidades, ultrapassar obstáculos, realizar os projetos. (VIEIRA, 2015, p.135)

Informando por que o laço familiar, que ele diz que é insubstituível, inalienável, singular, é a primeira experiência do laço social:

A família é um bem para a sociedade porque o laço familiar é a primeira experiência de laço social. Certamente, é preciso distinguir família e sociedade. Não se podem reduzir uma à outra. Relativamente a qualquer outro laço, o laço familiar é o primeiro, singular, inalienável e insubstituível. A sociedade não tem vocação para se tornar uma grande família, nem a família para se diluir na sociedade. No entanto, distinguir não significa opor. É na família que se faz a primeira aprendizagem da vida em sociedade. A sociedade, por sua vez, apoia as famílias. Não será preciso alargar o fosso

entre as relações sociais conflituosas (nomeadamente profissionais), onde a pessoa não é considerada por si mesma, e as relações familiares meramente afetivas. Por um lado, devemos trabalhar para que as relações sociais possam progredir no sentido da fraternidade, do reconhecimento mútuo das pessoas, do respeito pela sua dignidade. Por outro lado, devemos cuidar para que as nossas famílias estejam abertas ao outro e ao mundo, e que orientem os seus filhos em relação ao futuro. (VIEIRA, 2015, p.135)

A família, segundo Vieira (2015), é um bem também por causa da solidariedade entre seus membros e que tem um papel importante em casos de problemas na escola, no convívio social, mas também no trabalho, saúde entre outros., como afirma:

Sabemos qual o papel importante que tem a família em caso de problemas no trabalho, na saúde, ou ainda para vir ajudar os pais que têm atividade profissional, ou para apoiar as pessoas mais velhas (na sociedade portuguesa a geração dos "avós" muitas vezes, devido à crise económica, tem a seu cargo os filhos e os netos). (VIEIRA, 2015, p.135).

Por fim, Vieira (2015) expõe que, por ser um bem individual para cada um de seus integrantes enquanto seres humanos a família constitui um bem para a sociedade em sentido mais amplo:

Por fim, a família é um bem para a sociedade porque é um bem para o ser humano. É o berço do homem, o lugar onde é amado por si mesmo, graciosamente, desinteressadamente, em que é reconhecido na sua singularidade e unicidade. É o domínio privilegiado da gratuidade e do dom, da aliança e da comunhão, que são os valores próprios da pessoa. Uma família onde estes valores se vivem, pelo menos se tentam viver, insere-se ativamente na sociedade e contribui para a sua humanização. (VIEIRA, 2015, p.135).

Apesar de a família estar passando por transformações, conforme Pratta e Santos (2007), ela ainda mantém o papel específico que exercia no contexto social e continua a ser uma instituição reconhecida e altamente valorizada, uma vez que prossegue exercendo funções capitais durante todo o processo de desenvolvimento de seus membros.

Pode-se verificar que diante da instituição família existem muitas denominações e conceitos, havendo também várias possibilidades de ser família, não sendo um único modelo, assim afirma Oliveira (2009).

Podemos verificar que, apesar de muitas denominações atuais sobre família, como família reestruturada, reconstituída, reorganizada, nova família, não há

um conceito novo de família, pois embutidos na família, existem várias possibilidades de novas configurações, não ficando exclusivamente em um único modelo. Mesmo com todos os estudos sobre famílias existentes, ainda há a dificuldade dos autores de conceituar e denominar tais configurações familiares. (OLIVEIRA, 2009, p.99).

A segunda metade do Século XX foi tomada por uma nova realidade de mudanças na história e no modo de pensar, assim como na área técnica. Segundo Maluf (2010), estes fatores levaram a uma alteração paradigmática do modo de se pensar a sociedade.

A partir deste novo modo de pensar que o indivíduo, diante destas novas realidades, gera identidades, conceitos, vivências familiares e sociais com grandes alterações, e assim enfrentam momento de desordem, de conflito e tensão alterando toda a história das pessoas. Conforme aponta Pereira (2004), que intitula esse momento como crise, afirma:

O indivíduo, enquanto identidade, entra em crise. Estamos na pós-modernidade, face a demandas que a modernidade não tinha. A crise da identidade pode ser compreendida a partir de uma de suas características: o descentramento do sujeito. O homem do ideal humanista começa a ruir quando suas fronteiras já não conseguem mais sustentar sua integridade. À crise individual das identidades singulares soma-se a crise coletiva das identidades nacionais. O processo de globalização denota a fluidez das fronteiras nacionais, igualmente difusas. Deslocamento e descentramento constituem o universo pós-moderno. (PEREIRA, 2004, p.89).

Assim, segundo o citado autor, é possível perceber que nesta era contemporânea, de mudanças de costumes e valores, considerando mais o ser humano de maneira acentuada como um ser individual e desvirtuando totalmente a sua própria natureza de ser social, cuja principal característica é justamente a capacidade de comunicação, esta cada vez mais amplificada pelas tecnologias disponíveis, porém mais escassa em sua essência, o adolescente se vê cada vez mais envolto em informações e possibilidades sem, contudo, uma orientação mais adequada por parte da família e da sociedade, comprometendo de forma direta no seu desenvolvimento e formação da personalidade.

Maluf (2010) salienta que como elementos transformadores da família contemporânea apontam-se a independência da mulher, a igualdade e emancipação dos filhos, o divórcio, o controle de natalidade, e a reprodução assistida. Sendo uma nova forma de evidenciar o indivíduo em sua identidade mais privada. Segundo Mizrahi (1998) houve a ocorrência de

uma segunda revolução individualista, onde o indivíduo limitado da era moderna deu lugar para o individualismo total da era atual.

Para Samara (2002), a família sempre foi pensada na História do Brasil como a instituição que moldou os padrões da colonização e ditou as normas de conduta e de relações sociais desde o período colonial.

Segundo Avena (2017), cada época histórica corresponde a um tipo de vida cotidiana que, por sua vez, manifesta-se por meio de valores e costumes, e da cultura, que serve como espécie de bússola para a vida social e em família.

A família também era pensada, conforme Berenstein (2002), como sem possibilidade de outra realidade que não a biológica, e ainda se tinha um critério que era o da procriação, como algo importante para a constituição e continuação da família:

A própria família era considerada incondicional, porque o critério predominante era o de dar à luz os descendentes, portanto, sua função era concentrar-se no bebê biológico e psicologicamente impotente, exigindo que os pais os apoiassem para suprir o desamparo motor e psíquico pelo qual depende de proteção maternal. A concepção de família estava centrada na descendência e, portanto, no ponto de vista biológico. (BERENSTEIN, 2002, v.13, p.15)

Ainda de acordo com Samara (2002), “no entanto, até algumas décadas atrás ainda pouco conhecíamos sobre o perfil dessa família, predominando na literatura uma imagem vinculada ao modelo patriarcal extraído da obra de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala, escrita no início do século XX”. (SAMARA, 2002, p.27).

Este foi o modelo que ficou em evidência para muitos pesquisadores, usado como parâmetro para entender a vida da família no tempo. Porém com o desenvolvimento das pesquisas, é possível perceber que as famílias patriarcais não foram tão predominantes como se acreditava.

Pesquisas recentes têm tornado evidente que as famílias extensas do tipo patriarcal não foram as predominantes, sendo mais comuns aquelas com estruturas mais simples e menor número de integrantes. Isso significa que a descrição de Freyre (1987) para as áreas de lavoura canavieira do Nordeste, foi impropriamente utilizada e deve ser reelaborada nos estudos de família, a



partir de critérios que levem em conta temporalidade, etnias, grupos sociais, contextos econômicos regionais, razão de sexo e movimento da população. (SAMARA, 2002, p.27)

De acordo com Samara (2002), era uma época marcada pelo poder definido dos sexos, onde a decisão ficava por conta do marido e para a mulher cabia o cuidado dos filhos e da casa.

O poder de decisão formal pertencia ao marido, como protetor e provedor da mulher e dos filhos, cabendo à esposa o governo da casa e a assistência moral à família. O pátrio poder era, portanto, a pedra angular da família e emanava do matrimônio. No Brasil, assim como na sociedade portuguesa até o século XIX, o gênero também exercia influência nas relações jurídicas e a autoridade do chefe da família aparece como legítima na literatura e nos documentos da época, o que não significa que esses papéis, necessariamente, devessem existir dentro da rigidez com que estavam estabelecidos. (SAMARA, 2002, p.27).

Foi uma fase histórica com diversas formas das famílias se organizarem de maneira econômica, social, política e sexual, sendo ela um sujeito social que interage e interfere nas mudanças. Aponta Avena (2017) no resultado de suas pesquisas o seguinte:

A família não é um mero reflexo da sociedade e suas transformações, mas um sujeito social que atua e interage relacional e socialmente, por meio de um processo dialético, interferindo nas mudanças sociais e, por vezes, até determinando algumas destas mudanças. (AVENA, 2017, p.83).

Conforme Avena (2017), um dado importante de se ressaltar é apontar a família como aquela que interfere nas mudanças sociais. Isto é, não apenas a família é passiva das ocorrências externas, mas também como sujeita de mudanças. As ocorrências das famílias ao longo do tempo contribuem com as mudanças sociais. Como coloca Saraceno (1997, p. 14): “... a família não é simples terminal passivo da mudança social, mas um dos atores sociais que contribuem para definir as formas e os sentidos da própria mudança social, ainda que com diferentes graus de liberdade e segundo as circunstâncias”.

Para Avena (2017), nas primeiras décadas do século XX os homens e as mulheres começam a trabalhar no setor industrial, contribuindo para já se identificar a família tradicional nuclear neste movimento da sociedade.

E é neste movimento que se pode verificar uma visão mais ampla e efetiva da relação entre os membros que formavam este tipo de família nuclear, como, também, os ciclos ou fases da vida, como a infância, a adolescência e a vida adulta. (AVENA, 2017, p. 88).

Para Singly (2000) o elemento central que antes era o amor e a afeição sede lugar para a individualização, não é mais o grupo reunido, mas os membros que a compõem.

O século XX nos deixou como herança uma realidade tão evidente quanto a densidade de ambiguidades, relata Donati (2011), citando o fato de as políticas familiares terem perdido a família. Tais políticas não sabem mais o que significa tal instituição. Uma realidade que apresenta uma sociedade trabalhando para cobrir as necessidades do indivíduo, particularmente de cada pessoa e não mais da família, distanciando-se do que se entende por familiar. A família para Donati (2011) vai além dos direitos subjetivos individuais, pois possuem uma cidadania própria.

O foco na individualidade reduz a disponibilidade da pessoa para o coletivo, para o bem da família e leva a uma saturação no relacionamento. Petrini (2005) afirma que:

Nestes últimos tempos, por efeito da rejeição ao passado e da implosão das esperanças utópicas depositadas no futuro, os anseios de realização humana deslocaram-se para o presente, por meio do acesso ao mercado. A exigência de satisfação do presente colocou em crise o ideal de disponibilidade da pessoa ao sacrifício individual visando o bem da família. Assim reduziu a disponibilidade da pessoa ao sacrifício para o bem do outro. O ponto de saturação no relacionamento conjugal é alcançado rapidamente. (PETRINI 2005, p.5).

O avanço para o moderno e o pós-moderno, conforme dito anteriormente, possibilitou a crescente problemática do cultivo de si mesmo, do crescente individualismo, da indisponibilidade ao bem coletivo da família, para uma busca do bem individual. Descaracterizando o sentido da relação familiar.

Os vínculos familiares são essenciais na vida da pessoa, sendo indispensável no processo de formação da identidade dos adolescentes. Neste sentido, Avena (2017) salienta que:

Os vínculos familiares são essenciais para os processos de aprendizagem e construção da identidade do adolescente e podem ser considerados vínculos

constitutivos. Mesmo no momento em que a vida adulta se faz presente e a adolescência já não define o sujeito, tais vínculos não deixam de ser importantes, pois traduzem o lugar onde o sujeito pode reconhecer sua origem e história, atribuindo novos significados às suas aprendizagens e sentidos aos novos vínculos desenvolvidos (AVENA, 2017, p.112).

O individualismo não é adequado para o crescimento de vínculos familiares, porque na família a realização de tarefas tem o exercício de fortalecer vínculos e isto é um trabalho em comum, é socialização, é transmissão e não individualização.

As transformações que aconteceram em meados do século XX e início do século XXI delinearão as relações e os laços familiares com esta nova acentuação da individualização, e isto resume o sentido destas mudanças. De acordo com Oliveira (2009, p. 62), “a dificuldade está em compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares, pois, ao abrir espaço para tal individualidade, renovam-se as concepções sobre as relações familiares”. O impacto desses desafios influencia essas relações.

A acentuada tendência individualista, alia-se a outra que se inclina a mercantilizar todo intercâmbio, de modo que se reduzem os espaços de gratuidade, tudo calculado em função de conveniência e da utilidade (PETRINI, 2005, p. 40). O mesmo autor também relata que as mudanças na família são consideradas conquistas por colocar em condições de igualdade os sexos e as gerações.

As famílias passam por radicais mudanças em suas composições, nas relações familiares que embora possa ser uma conquista, também é, conforme Oliveira (2009.p.62), resultado das mudanças “ocasionando impacto profundo na construção de identidade de cada componente no interior da família. [...] nesse contexto encontra-se a nova família que se caracteriza pelas diferentes formas de organização”.

Cada vez mais o papel das famílias se torna confuso pela individualidade das pessoas por conta destes processos atuais das composições familiares, o que gera outras consequências como é o caso do parentesco e das suas representações internamente nas famílias. Ainda sobre este aspecto e de acordo com Oliveira (2009), pode-se destacar o seguinte:

Cada vez mais, são encontradas famílias cujos papéis estão confusos e difusos se relacionados com os modelos tradicionais, cujos papéis eram

rigidamente definidos. As relações, comparadas com as estabelecidas no modelo tradicional, estão modificadas, os próprios membros integrantes da nova família estão diferenciados, a composição não é mais a tradicional, as pessoas também estão em processo de transformação, no sentido da forma de pensar, nos questionamentos, na maneira de viver nesse mundo em processo de mudança. (OLIVEIRA, 2009, p.63).

Assim, pode-se visualizar separações com filhos, novos relacionamentos e filhos, mais parentes, dimensões de relacionamentos diversificados nas relações familiares. Oliveira (2009, p. 64) afirma que “a tendência atual é de que a convivência familiar se torne socializada e visualizada como um local onde existe a mudança evoluindo por meio de diálogo”. Diz ainda:

O mundo familiar mostra-se em uma variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de solução para os desafios que a vida vai trazendo. No Brasil, as novas estruturas de parentesco colocam os profissionais que trabalham com família e os próprios membros da instituição familiar em busca de novas denominações ou de tentar compreender socialmente tais mudanças. (OLIVEIRA, 2009, p.64)

A situação de crise na pós modernidade também pode ser verificada pelas transformações da vida conjugal bem como dos modos de controle de natalidade e a forma de compartilhar os papéis da família. Sobre isto descreve Oliveira (2009):

Dessa forma, podemos constatar que essas transformações podem se constituir em um questionamento do casamento tal como está definido, como instituição social. Muitas pessoas podem desejar viver em família conciliando-o com a liberdade individual. É importante resguardarmos individualidades, pois estas são necessárias para a vida em sociedade. Precisamos, porém, pensar sobre a maneira pela qual as pessoas buscam essa liberdade individual. Pode ser que essa busca constante ocasione um individualismo e, como consequência, as pessoas ao redor passem a não ter um significado. As novas configurações familiares estão cada vez mais presentes, não podemos dizer que são socialmente aceitas. Há o embate entre o real vivido e o que se idealiza. (OLIVEIRA, 2009, p.67).

O individualismo aparece como uma consequência da crise das transformações das famílias, gerando maior instabilidade nas relações; as mudanças tecnológicas ocorridas em diversas áreas da saúde, proporcionando controle ainda mais possível sobre a gravidez e a reprodução humana, desassociando a sexualidade da procriação, e consequente redução do número de filhos.

O processo de individualização tende relativizar o “para sempre” do amor. Este processo favorece o crescimento de fragilidades carregadas de tensões e quebra a perspectiva do crescimento da união, ficando com prazo de validade favorável às influências que desestimulam a permanência da família.

Para ter uma visão desta realidade de desestímulo na permanência da família, há 10 anos a situação das famílias no Brasil, segundo o IBGE, no último Censo Amostra-Famílias do ano de 2010, de acordo a composição da família era de: Casal com filhos - 1.047.381 famílias; Casal sem filhos - 991.872 famílias; Mulher sem cônjuge com filho (s) - 2.342.003 famílias. Percebe-se que existem mais famílias de mulheres sem cônjuge no Brasil, chegando a ser mais que o dobro de famílias de casal com filhos.

Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios no período de 2005/2015 o número de famílias residentes em domicílios de casal com filhos diminuiu de 50,1% para 42,3%; Casal sem filhos – aumentou de 15,2% para 20,0%; e mulher sem cônjuge com filho (s) reduziu de 18,2% para 16,3%. A queda da fecundidade, o aumento da escolaridade e da inserção das mulheres no mercado de trabalho são alguns fatores que produzem alterações nos arranjos familiares.

Além da estimativa do número médio de filhos que uma mulher em seu período reprodutivo, chamada de taxa de fecundidade, que o IBGE aponta em 2018 de 1,77 filhos por mulher, sinalizando o contrário da época em que as famílias tinham muitos filhos. Esta taxa ganhou contornos mais significativos ainda a partir de 2006 sendo de 2,04 filhos por mulher.

Na sociedade contemporânea, as famílias monoparentais, como vimos anteriormente, é crescente. Existem as famílias recompostas que segundo Oliveira (2009) pode ser que tenha havido nova união após o término da outra união conjugal e que, dessa união, novos sujeitos históricos venham a existir. A mesma autora afirma que: “Neste seu remanescente, opta por prole reduzida, os papéis se sobrepõem, se alternam, se confundem ou mesmo se invertem, com modelos também algo confusos, em que a autoridade parental se apresenta não raro diluída ou quase ausente” (OLIVEIRA, 2009, p.67).

Novos sujeitos históricos são compreendidos como novas formas de refletir sobre as realidades de família, sobre o mundo e sobre cada um em si. Cada vez mais surgem novos modelos de famílias, e como a autora afirmou, “modelos confusos” por não possuírem uma definição e nem uma conclusão, e ainda contarem com a redução da autoridade parental, conforme trecho do trabalho de Avena (2017) a seguir transcrito:

Hoje podemos pensar num esvaziamento da autoridade familiar. As intensas mudanças sociais e culturais, sobretudo a partir da década de 80, geraram profundas mudanças nas famílias, em seus papéis e em suas dinâmicas relacionais, alterando as relações de autoridade. (AVENA, 2017, p.57)

A autoridade pressupõe responsabilidade de conduzir, ensinar, formar novos cidadãos, que é indispensável na educação dos filhos. A redução ou perda deste papel enfraquece ainda mais as questões referentes à família e até mesmo aos novos modelos. Antigamente a autoridade familiar estava resumida a punição, castigo, legitimação do poder. Mas, a autoridade é ação de trabalho para educar, e os que têm a autoridade possuem um dever personificado. Assim, Durkheim (1972) descreve:

[...] a educação deve ser um trabalho de autoridade. [...] Para aprender a conter o egoísmo natural, subordiná-lo a fins mais altos, submeter os desejos ao império da vontade, conformá-los em justos limites, será preciso que o educando exerça sobre si mesmo um grande trabalho de contenção. Ora, não nos constrangemos não nos submetemos senão por uma destas razões: ou por força da necessidade física, ou porque o devemos moralmente. Mas a criança não pode perceber a necessidade que nos impõe fisicamente tais esforços, porque ela não se acha em contacto imediato com as duras realidades da vida [...]. Fica o dever. O sentimento do dever. É ele o estimulante capital do esforço para a criança e mesmo para o adulto. [...], Mas a criança não pode conhecer o dever senão por seus pais e mestres; Não pode saber o que ele seja senão graças ao modo pelo qual mestres e pais o revelarem, na conduta e linguagem. É preciso, portanto, que eles sejam para o educando o dever personificado. Isso significa que a autoridade moral é a qualidade essencial do educador. (DURKHEIM, 1972, p. 53-54)

O que se identifica é a autoridade como uma aceitação ao conjunto de valores que devem ser oferecidos para os outros por meio de uma relação familiar com sua função de educar, mediante aos exemplos e referências morais de quem exerce a autoridade, para que sejam internalizadas pelos mais jovens: as crianças e adolescentes. O mesmo autor dispõe que “a autoridade é uma força que ninguém pode manifestar, se efetivamente a não possui. [...] Não é de fora que o mestre recebe a autoridade: é de si mesmo. Ela não pode provir senão de fé interior. [...]” (DURKHEIM, 1972, p. 55-56).

Neste contexto, Avena (2017), apresenta um conceito etimológico da palavra autoridade que se configura ao que Durkheim (1972) apresentou, fazendo com que se possa compreender melhor o sentido e a importância da autoridade.

Autoridade = AUCTORITAS que, em latim, quer dizer autoridade, como também a palavra AUCTOR ou autor, que significa “aquele que está na origem de”, “que é a causa de”, aquele que é criador de algo, fundador, inventor. Tais palavras derivam do verbo AUGERE que quer dizer “aumentar”, “fazer crescer”, “incrementar”, “elevar”. (AVENA. 2017, p.61).

Ainda segundo Avena (2017) a perda da autoridade está relacionada diretamente com a perda da tradição e à lacuna que se abre, com a modernidade, entre passado e futuro.

Conforme Oliveira (2009. p.71) é certo que “atualmente o modelo de família tradicional deu espaço a uma infinidade de outros modelos familiares. [...] Essas alterações fazem parte de nossas histórias, partes de nossa sociedade, partes de nossas vidas”.

A mesma autora afirma, ainda, que a necessidade de discussões sobre a temática família é algo que perpassa pelos caminhos da sociedade, como seja:

Todas as questões que estão sendo refletidas convidam-nos a um olhar diferenciado e especial a esta organização. É importante verificarmos que as diferentes maneiras de configurações familiares são, em sua maioria, devidas às circunstâncias da vida e não uma opção de vida. Na realidade, ainda carregamos resquícios do modelo patriarcal de família, que foi evoluindo até a constituição do modelo nuclear. Consideramos que os “arranjos familiares”, ou “as novas maneiras de ser família” não são contrapostos ao modelo nuclear de família. Nesse sentido, eles são apenas diferentes formas de expressão da família. (OLIVEIRA, 2009, p.70)

As mudanças nas famílias ampliaram o que antes era entendido como conceito de família, passando a alargar as considerações e inserir as diferentes formas de ser família distinta da família nuclear. O que fica entendido é que o considerado é a família vivida e não a família imaginada, perfeita. É como Sarti (2007) afirma:

Não se sabe mais, de antemão, o que é adequado ou inadequado relativamente à família. No que se refere às relações conjugais, quem são os parceiros? Que família criaram? Como delimitar a família se as relações

entre pais e filhos cada vez menos se resumem ao núcleo conjugal? Como se dão as relações entre irmãos, filhos de casamentos, divórcios, recasamentos de casais em situações tão diferenciadas? Enfim, a família contemporânea comporta uma enorme elasticidade. (SARTI, 2007, p.25).

## 2.6 A RELAÇÃO DO ADOLESCENTE E A FAMÍLIA

A relação familiar se constitui ligação afetiva entre os membros da família que envolve a convivência, comunicações, atitudes recíprocas. Conforme Donati, (2016, p. 157)

A família é uma boa relação e produz bens relacionais se e quando puder fazer em modo tal que cada indivíduo possa personalizar seu próprio papel na rede familiar, o que significa torná-lo um “sujeito relacional”, individual, maduro. (DONATI, 2016, p. 157).

É na família que os adolescentes se formam e se transformam, sendo seus pais um dos grandes protagonistas do processo evolutivo rumo à maturidade, afirmam Stengel e Friche (2018, p.209).

Adolescer significa crescer, e para isso, se faz necessário questionar tudo, já que os pais não são mais reconhecidos como modelos e heróis, afirmam Stengel e Friche (2018), e o adolescente procura sua capacidade de governar-se, gerando, neste contexto um fator de repercussão na relação entre os seus familiares mais próximos que são os seus pais, ou os seus responsáveis. Para Pratta e Santos (2007, p. 252), “é um evento previsível que apresenta grande impacto na vida familiar é a adolescência, considerada como uma crise importante no contexto familiar”.

As relações familiares passam a ser diferentes nesta fase. Os pais passam por uma abertura de função de proteção e nutrição, conforme Stengel e Friche (2018) para um papel que adequa a uma flexibilização. Os mesmos autores afirmam ainda sobre a nova função dos pais:

A eles cabem as tarefas de flexibilizar as fronteiras familiares, redefinir suas identidades parentais, modular sua autoridade, permitindo, desse modo, aos filhos uma maior autonomia e independência. (STENGEL; FRICHE, 2018, p. 209).

Neste processo de reconhecimento de abertura a novas funções dos pais com seus filhos, Silva (2015) assevera que:



É nesse momento confuso e ambivalente que os conflitos se instalam. A capacidade de manter um contato pleno e da compreensão, um do outro, se perde; o contato deixa de ser nutritivo, pois os pais temem a perda do filho criança.

As necessidades dos filhos mudam e exigem dos pais uma nova postura, um ajustamento para lidar com esse ser que quer se individualizar, se reconhecer enquanto pessoa capaz de fazer escolhas e começar a decidir o seu futuro de um vir a ser adulto. É entendido que os adolescentes, na fase inicial, ainda não têm condições de seguirem sozinhos, por isso – a ambivalência (entre dependência e independência) nessa fase é tão citada – precisam de apoio e orientação. Os pais, nesse momento, encontram dificuldades para fazer esse ajustamento, ainda não conseguem perceber e ou aceitar as mudanças, tentam continuar no mesmo lugar dos pais da infância.

Aqui os bloqueios de contato vão acontecer como um sintoma. Os pais necessitam se autorregular para a nova relação, mas agem de forma não saudável. Não conseguem olhar para o adolescente e ver suas novas necessidades e dificuldades, se preocupam em não perder o controle, temem o ser adulto que surge. Continuam querendo apenas determinar, fazer as escolhas no lugar do adolescente e mostrar o que é mais importante em sua visão, não percebem que esse é o momento de olhar para o outro que busca construir sua própria identidade.

Os pais encontram dificuldade de estabelecerem uma relação dialógica com seus filhos adolescentes. No dialógico, que é onde se institui um contato pleno, os pais conseguem perceber, compreender, valorizar, aceitar e confirmar as necessidades e experiências vivenciadas pelos filhos. Através dessas atitudes, serão capazes de se colocar no lugar dos filhos, deixando de lado suas próprias opiniões, experiências e valores, para entrar no mundo particular de vivências e assim, compreender as necessidades dos filhos. Nesse contexto relacional, pais e filhos se comunicam sem reservas, com a confiança de serem compreendidos e respeitados um pelo outro. Desse modo, o contato e a troca de experiências e de ideias entre eles se torna plena, contribuindo para que um aprenda com o outro, o que favorece o enriquecimento e o crescimento da relação e das partes envolvidas. (SILVA, 2015, p. 63)

Diante do exposto, é importante a destacar o entendimento de Albernaz e Marques (2013, p.40) que apontam uma necessidade de redefinir a família, não a olhando como espaço institucional, mas sim, como espaço de relações.

A construção dessa relação é feita por aqueles nela envolvidos, e não dada como um conjunto de valores e papéis externos arbitrariamente impostos a conformá-la; que ela é um espaço de encontro individual, de relações duais autênticas, de desenvolvimento e de amadurecimento; um núcleo de compreensão, aceitação, respeito, afeto e amor, muito mais possível no pequeno grupo da família em que a proximidade é intensa e as escolhas são livres e afetuosas, que em qualquer outro. (ALBERNAZ; MARQUES, 2013, p.40)

Diante desta realidade de construção de relação familiar e de desenvolvimento do amadurecimento, o adolescente que neste período de sua faixa etária busca sentir-se livre diante de um outro, sente esta possibilidade ameaçada quando se entende preso numa relação de controle, que pode vir dos pais ou responsáveis. Neste contexto, Albanez e Marques (2013, p.42) relatam que:

Nesta supremacia dos condicionamentos externos, a experiência se dissocia da representação; o outro próximo, potencialmente força de libertação, acaba se invertendo no seu oposto, e quanto mais íntima, mais intensa é sentida a repressão do eu, pois, em troca do reconhecimento que dá, o preço é um cuidadoso autocontrole deste eu sobre si; e, infelizmente, este autocontrole em troca da aceitação é fatal para qualquer relação autêntica. (ALBANEZ; MARQUES, 2013, p.42)

O relacionamento com os pais evidencia-se como uma questão fundamental a transição para a vida adulta. Sendo, assim, de acordo com Stengel e Friche (2018, p.221) a relação filho adolescente x pais é uma questão central. Nesse sentido, afirma as autoras que há um enfraquecimento do sistema familiar, diante dos desafios, quanto a referência e ao mesmo tempo há uma maior aproximação.

Essa relação tem enfrentado novos desafios, na medida em que os valores contemporâneos da individualidade têm adquirido força e os pais se encontram mais empenhados em seus projetos pessoais e mais alinhados em seus projetos pessoais e mais alinhados com os valores da adolescência como norteadores de suas vidas. Nesse sentido, há um enfraquecimento do sistema familiar como referência de ancoragem às instabilidades emocionais que o adolescente enfrenta, mas, em contraponto, pais e adolescentes encontram-se mais próximos e nivelados. (STENGEL; FRICHE, 2018, p.221.)

## 2.7 A PANDEMIA DO COVID-19 E OS IMPACTOS NA FAMÍLIA

A pandemia resultante do vírus chamado novo Coronavírus (Covid-19) foi uma surpresa mundial que rapidamente entrou na história do mundo e na vida de todas as pessoas. Cenário não primário, por causa das pandemias anteriores, dentre elas: peste bubônica, Varíola, Cólera, Gripe Suína (H1N1), mas assustadora e devastadora pelas contaminações em massa e pelas mortes rápidas.

O Ministério da Saúde apresenta a COVID-19 como uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos.

Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV.

Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa, alcançando rapidamente todos os continentes.

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Em decorrência da Pandemia, várias situações relacionadas à família despontaram, como o afastamento social para evitar as aglomerações, e consequente disseminação indiscriminada do vírus, como a suspensão das aulas, proibições de diversas atividades consideradas não essenciais, a separação entre as pessoas sintomáticas de assintomáticas, a separação das pessoas consideradas de fator de risco, especialmente os idosos, a recomendação de distanciamento de uma pessoa para a outra de 2 metros, a restrição mais drástica como o *lockdown*, tornando a permanência em casa uma a melhor alternativa para se proteger e aos seus familiares, se convertendo, dependendo das medidas adotadas pelos governos, em uma obrigação.

Ainda, é importante destacar que a doença causada pelo Coronavírus é agravada aos grupos de risco compostos principalmente por portadores de doenças crônicas como diabetes, doenças do coração e hipertensão, asma, gestantes e indivíduos acima de 60 anos. Embora as crianças e adolescentes não estejam incluídas no grupo de risco, são consideradas vulneráveis, merecendo maior proteção em tempos de crise pandêmica, no que se refere aos seus cuidados, exposição e convivência familiar e parental. (NAHAS; ANTUNES, 2021, p.151)

Fazendo uma análise do contexto geral, sem explorar e esgotar conteúdo, para adentrar as questões impactantes na família, faz-se refletir o que Veronese, Pozzoli e Machado (2020, p.5) discutem:

A chegada da pandemia da Covid-19 nos dias de hoje arquitetou outras velhas questões, talvez dormentes, que estão a ganhar novos contornos, além de ter remodelado outras tantas. A impressão que se tem é que o Estado de bem-estar foi rescindido. É visível a ausência do pleno emprego, as perdas na renda real, o desemprego, o colapso das empresas e a pobreza crescente, para citar alguns exemplos. Assim, é possível que, a consciência da responsabilidade, seja o verdadeiro signo da “assunção do ser” - o real compromisso que, como atuação adjetiva da fraternidade, qual seja, a qualidade de seres humanos fraternos, haverão de assumir os sujeitos em exercício e, o agir em fraternidade, visando conferir solução ao problema central dos dias atuais e não necessariamente redimensionar a questão econômica, que mesmo importante, não é a principal. Tem-se falado por todos os cantos que aos poucos estaríamos voltando sob a forma de um “novo normal”. Não há como compreender como normal uma vida afastada da nossa essência, da nossa raiz fraterna: as relações humanas. (VERONESE; POZZOLI; MACHADO. 2020, p.5)

Para Heilborn, Peixoto e Barros (2020, p. 4) a pandemia leva a uma reelaboração das relações familiares a despeito da vontade dos sujeitos, pois aciona e inviabiliza uma divisão igualitária e cerceia a interação entre os parentes. Os autores afirmam ainda que:

O embate entre percepções sobre os limites e possíveis perigos da pandemia expõe situações díspares de visão de mundo, de interesses particulares e condições financeiras. Conflitos e rupturas irrompem nessa convivência forçada (ainda que mediada pelas novas tecnologias de comunicação) devido ao dever moral dos familiares frente ao ente dependente.

A epidemia da Covid-19 impõe a todos os sujeitos, para além do enfrentamento do tornar-se velho, a presentificação da finitude da vida para a geração de 80 anos e mais, e a confrontação de um futuro próximo às gerações de 60-70 anos, que são as atuais cuidadoras familiares. A percepção da proximidade da morte aciona sentimentos contraditórios em relação à própria subjetividade e a aposta imaginária do tempo de vida restante. Cuidar dos mais velhos obriga os familiares envolvidos a reverem seu projeto de vida e, talvez, a ilusória percepção de qualidade de vida que teria ao atingir uma idade mais avançada. (HEILBORN; PEIXOTO; BARROS (2020, p.4.).

Ainda conforme Heilborn, Peixoto e Barros (2020, p. 4), uma situação mais delicada aconteceu com os idosos que já viviam sozinhos e sem acesso a internet. Porque ficaram privados de sua independência, embora, restrita, e das relações familiares presenciais, intensificando a solidão e de abandono.

Percebe-se, ainda, que a Pandemia apresenta desafios que colocam a família em vulnerabilidades. Silva *et al.* (2020, p. 15) apontam que:

Nesse contexto, aumenta o risco de dificuldades na comunicação, na coesão e no compromisso com a relação. Os estressores que se sobrepõem em um contexto como o enfrentado pelos casais na pandemia da COVID-19 predispoem os membros do casal a um aumento dos desentendimentos e conflitos, intensificando a possibilidade de entrarem em escalada frente a qualquer desentendimento. A perda de acesso a atividades importantes que enriqueciam o convívio a dois também pode prejudicar a intimidade e o sentimento de conexão. Aumenta também o risco de violência doméstica, dado o maior tempo de convivência entre os cônjuges, a redução nas oportunidades de pedir ajuda e o aumento no uso de álcool ou outras drogas. (SILVA, *et al.*, 2020, p. 15)

Os mesmos autores, consideram que o distanciamento social pode ter sido mais desafiador para famílias em que a guarda do filho é compartilhada.

As repercussões do distanciamento social podem ser ainda mais desafiadoras para as famílias em que a guarda dos filhos é compartilhada, o que consiste em um estressor que se sobrepõe a outros já experienciados nos arranjos de divórcio e recasamento. Nessa direção, evidências empíricas sugerem que, embora o divórcio não represente necessariamente um risco para o desenvolvimento dos membros da família, a adição de outros estressores – como a pandemia de COVID-19 – tende a potencializar seus efeitos negativos sobre os indivíduos e as relações familiares. Aspectos que anteriormente poderiam estar bem resolvidos entre os pais ou cuidadores divorciados, tais como o período em que os filhos permaneceriam junto a cada um deles ou mesmo o compartilhamento de responsabilidades financeiras, precisaram ser redefinidos, com frequência. (SILVA, *et al.*, 2020, p. 18).

Silva, *et al.* (2020, p.20), ao que se refere a criança e ao adolescente, sinalizam que a relação tende a ficar afetada quando um dos pais perde o emprego ou tem a renda reduzida.

Vulnerabilidades socioeconômicas aumentam o risco de práticas parentais negativas, incluindo hostilidade, coerção e agressão. Assim, um maior nível de estresse parental associado a um maior nível de irritabilidade em crianças e adolescentes pode favorecer a emergência ou a intensificação de conflitos entre pais ou cuidadores e seus filhos, gerando um ciclo que se retroalimenta. (SILVA, SCHMIDT, LORDELLO, *et al.*, 2020, p. 20).

### 3 MÉTODO

Neste capítulo será apresentado o caminho metodológico percorrido no estudo.

#### 3.1 DELINEAMENTO

A realização da pesquisa de estudo de caso permanece um dos empreendimentos mais desafiadores das Ciências Sociais (YIN, 2015, p. 3). O método significa literalmente, o caminho para terminar, conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 11):

o caminho em direção a um objetivo; metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa; científica deriva de ciência, a qual compreende o conjunto de conhecimentos precisos e metodicamente ordenados em relação a determinado domínio do saber. Metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas. Em geral, o método científico compreende basicamente um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados. A atividade preponderante da metodologia é a pesquisa. (GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 11)

Para AVENA (2017, p.132), fazer pesquisa é não apenas enfrentar e superar as incertezas quanto à aproximação, leitura e análise do nosso objeto de estudo, e, portanto, quanto aos procedimentos metodológicos que adotamos, mas percorrer um caminho crítico-reflexivo.

Conforme a definição de Gil (2008), a pesquisa é o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo central da pesquisa é descobrir respostas para problemas, mediante o emprego de procedimentos científicos (GIL, 2008, p. 26). Por isso, foi escolhida a realização da pesquisa qualitativa para que a investigação acontecesse.

Para uma análise mais apurada, mais próxima, foi escolhida a pesquisa descritiva, que, conforme Gil (2008), compreende os vários tipos de pesquisas existentes, e tem o objetivo de estudar características de um grupo: idade, sexo, nível de escolaridade, renda entre outros.

Aprofundando mais sobre o delineamento da pesquisa, foi possível identificar estratégias para explorar e obter respostas das hipóteses levantadas.

O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, bem como as formas de controle das variáveis envolvidas. Com o delineamento da pesquisa, as preocupações essencialmente lógicas e teóricas da fase anterior cedem lugar aos problemas mais práticos de verificação. O delineamento ocupa-se precisamente do contraste entre a teoria e os fatos e sua forma é a de uma estratégia ou plano geral que determine as operações necessárias para fazê-lo. Constitui, pois, o delineamento a etapa em que o pesquisador passa a considerar a aplicação dos métodos discretos, ou seja, daqueles que proporcionam os meios técnicos para a investigação. (GIL, 2008, p. 49)

O elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de "papel" e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso. (GIL, 2008, p. 50)

A presente pesquisa de campo utiliza metodologia qualitativa, por seu foco na subjetividade do objeto analisado, com entrevista semiestruturada com adolescentes em idade de 14 a 18 anos, por ser uma fase em que possivelmente tem uma chance maior de apresentar relacionamento de namoro e ainda residir com suas famílias de origem, independente se com seus pais biológicos ou em uma dos possíveis arranjos familiares existentes na atualidade, excluindo adolescentes que já constituíram família e/ou já não moram mais com seus pais ou responsáveis da Cidade de Camaçari-Bahia. Sendo adolescentes do sexo masculino e feminino, de classes populares, da rede de contatos do autor, por critério de acessibilidade aos pais e filhos conhecidos, utilizando a técnica bola de neve.

Para a realização da entrevista, o mestrando entrou em contato telefônico com alguns pais de adolescentes para apresentar a proposta da pesquisa e solicitar a colaboração na participação da pesquisa através de seus filhos. E, da mesma forma, foi mantido contato também com os adolescentes filhos das pessoas do contato anterior para fornecer dados sobre a pesquisa e informá-los do que se trataria para melhor segurança e confiança dos participantes entrevistados.

Segundo Baldin e Munhoz (2011), a Técnica Bola de Neve é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais nas quais os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes e assim sucessivamente.

Melhor compreendendo a Técnica Bola de Neve, Vinuto (2014, p. 203) define:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014, p.203)

E esta foi a técnica adotada por colaborar com a localização de outros adolescentes que pensam sobre família e estariam ligados pela rede de convivência do autor e deles entre si. E, por outro lado, existe a limitação do distanciamento social e redução máxima de aglomerações oriundos das medidas para conter o avanço da pandemia COVID-19. Para Vinuto (2014, p.202) A amostragem em bola de neve oferece diversos benefícios para problemas de pesquisa específicos, devendo-se levar em consideração também suas limitações, sendo que este artigo pretende contribuir com este debate.

### 3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

A presente pesquisa foi realizada com 05 (cinco) adolescentes, com idades de 14 a 18 anos, residentes na cidade de Camaçari-Bahia, de classe popular, de famílias de classe média, da rede de contatos frequentes do autor, participantes da Igreja Católica, de famílias também católicas, mediante convivência com o autor, que aceitaram e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e que os pais ou responsáveis assinaram também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e as entrevistas foram gravadas para que nada se perdesse e os dados fossem analisados de forma descritiva, sendo em seguida transcritas.



Seguem alguns dados sobre os participantes, com nomes fictícios, para que não sejam identificados.

Tabela 1 - Dados sobre os participantes. Região Metropolitana de Salvador/Bahia, 2021

Nome fictício	Idade (em anos)	Sexo	Escolaridade	Namorando?	Religião	Etnia
Alisson	14	Masculino	9º. Ano	Não	Católica	Parda
Joaquim	15	Masculino	1º. Ano E. Médio	Sim	Católica	Branco
Bruno	16	Masculino	2º. Ano E. Médio	Não	Católica	Negro
Janete	17	Feminino	2º. Ano E. Médio	Não	Católica	Branco
Zelma	18	Feminino	2º. Sem. 3º. Grau	Não	Católica	Parda

Alisson, adolescente de 14 anos, pardo, não namora, estudante de escola pública, residente no bairro popular de Camaçari-BA, reside com os pais e tem uma irmã.

Joaquim, adolescente de 15 anos, branco, está namorando, estudante do 1º. Ano do Ensino Médio em Escola Pública Federal, morador de um bairro de classe popular de Camaçari-BA, reside com os pais.

Bruno, possui 16 anos, negro, não namora, cursa o 2º. Ano do Ensino Médio em Escola Pública Estadual, reside com sua mãe e duas irmãs mais velhas que ele, em bairro popular de Camaçari-Ba. O pai é divorciado de sua mãe e possui outra família.

Janete, possui 17 anos, de cor branca, não está namorando, cursa o 2º. Ano do Ensino Médio em escola Pública, reside com os pais em bairro popular de Camaçari-BA.

Zelma, 18 anos, de cor parda, faz faculdade de Matemática, 2º. Semestre no IFBA, mora com os pais e uma irmã, reside em bairro popular de Camaçari-BA.

### 3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro semiestruturado de entrevista (Apêndice A), com questões abertas, elaborado pelo mestrando, com base na revisão de literatura, e contém os seguintes tópicos: dados de identificação, dados sobre a família,

concepções e vivências sobre as relações familiares, percepções sobre si mesmo e percepções sobre o futuro.

### 3.4 PROCEDIMENTOS

Após a construção do roteiro da entrevista, e tendo realizado o projeto, ambos foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador (CAAE: 40736120.9.0000.5628). Após tal aprovação do referido comitê, foi feita a coleta de dados, por meio de entrevista mediante utilização de plataforma digital, devido à pandemia da COVI-19. As entrevistas foram gravadas para que não se perdesse nenhum dado.

Os pais ou responsáveis dos adolescentes entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e as entrevistas foram gravadas para que nenhuma informação se perdesse.

Caso algum participante apresentasse desconforto em decorrência da entrevista, seria indicado o encaminhamento para atendimento psicossocial, mas isso não foi necessário.

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

Todo o relatório pode consistir na análise entre os casos puramente descritiva ou cobrindo os tópicos também explicativos (YIN 2015, p. 190).

De acordo com a conceituação de Gil (2008, p. 156), a fase posterior à da coleta de dados é a análise e a interpretação. E esta tem o objetivo de possibilitar as respostas ao problema proposto na investigação.

Os dados obtidos foram analisados de forma descritiva. O relatório de casos múltiplos contém muitas vezes, tanto estudo de casos individuais quanto alguns capítulos entre os casos, a composição deste estudo de casos múltiplos pode ser compartilhada entre vários autores. (YIN, 2015, p.188).

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para levantamento dos resultados foram transcritas e verificadas as entrevistas semiestruturadas. A seguir, serão apresentados e discutidos os cinco casos, considerando as seguintes categorias: 1. Dados sobre a família; 2. Concepções e vivências sobre as relações familiares; 3. Percepções sobre si mesmo e 4. Percepções sobre o futuro.

### 4.1 DADOS SOBRE FAMÍLIA

Alisson de 14 anos, define família do seguinte modo: “Família para mim é as pessoas que eu gosto, estão ao meu redor que cuidam de mim e estão no meu dia a dia”. Para ele, fazem parte de sua família os seus pais e seus irmãos. Seu pai não mora com sua família. Alisson reside com suas duas irmãs e sua mãe. O participante disse: “Meus pais não moram juntos”.

Sobre a vida familiar, o entrevistado falou: “Minha vida familiar é boa com minha mãe e meus irmãos, mas poderia ser melhor. A relação de conversar mais porque a gente não conversa muito e não saímos mais juntos”.

Já o participante Joaquim de 15 anos, define a família: “Quando um casal se junta, eles moram juntos, podem ter filhos ou não, convivem juntos”. Para ele, fazem parte de sua família os seus pais, a sua irmã e os seus sobrinhos. Ele reside com os pais, que são casados. Tratando de sua vida familiar, ele afirmou ser:

Boa, comparando com a maioria das famílias que se vê aí por fora, a minha família é muito boa. Porque a gente se mantém em união. Porque a gente não briga tanto. Quando um fala uma coisa que o outro não gostou o outro se cala ou então chega e se senta para conversar e tudo se resolve, tem uma harmonia. Não tem ficar fofocando sobre os outros essas coisas. (Joaquim)

Com relação ao participante Bruno, 16 anos, descreveu ser família assim:

Para mim eu acredito conjunto que faz você se apoiar bastante na sua carreira de vida, nos seus trabalhos. Você ter uma família por perto que ela é alegria pois ela te apoia muito ela faz você escolher os caminhos certo também. Dependendo da convivência familiar que você tem que se ela for boa na minha opinião família é isso. (Bruno)

Sobre quem faz parte de sua família, o participante afirmou:

Meus primos que eles realmente fazem parte da minha família também meus animais de estimação, que teve um aqui que morreu ontem que ele era muito, uma pessoa que realmente, é um cachorro, mas ele é realmente era muito

fazia muita parte da minha família. Nunca fazia nada. Ele era bondoso nunca mordeu ninguém. Ele só tinha 7 anos acabou sendo atropelado ontem, ele realmente também fazia muito parte da minha família. Meus pais a minha irmã meus primos. A minha avó ela é muito apoiadora também e os meus tios também são muito bons e também fazem parte da minha família. (Bruno)

O participante mora com seus pais, e sua irmã, vivem juntos. E, ao falar sobre sua vida familiar, afirmou ser “Muito boa, né? Até porque eu tô mais perto da minha família, né? Porque ela mora no interior da Bahia, agora, eu estou perto dos meus primos. A minha avó, muito boa a minha convivência familiar aqui, é muito boa todo mundo é unido aqui”.

No que diz respeito à participante Janete 17 anos, diz sobre o que era família para ela da seguinte maneira: “Eu acho que família é sempre nosso porto seguro, é realmente quem a gente pode contar de verdade, 100%, que sempre vai tá pela gente”.

Considera fazer parte de sua família: “Meus pais, minha irmã, Léo, o esposo de minha irmã. Vinícius é o amigo da família e Crislane que é minha amiga, minha amigona. E o meu padrinho é claro pode botar aí que eu sei que a hora que eu ligar me ajuda”. A participante reside com seus pais.

Ao tratar em descrever a vida familiar, expressou: “Razoável. Acho que nem ótima nem péssima também. Podia ser melhor. É uma relação boa, mas não tão boa quanto eu imagino que deveria ser, com mais conversa, mais diálogo”.

A participante Zelma de 18 anos pronunciou sobre o que era família para ela, deste modo:

É uma pergunta bem ampla na verdade. Família geralmente é o nosso berço é onde a gente é criada com as pessoas que a gente convive A gente é o que as cinco pessoas mais próximas, essas dão. É a nossa estrutura, na verdade, é a mistura de tudo o que somos. Somos um pedacinho de cada pessoa que convivemos. (Zelma)

Fazem parte de sua família: “Minha mãe, meu pai, minha irmã, apesar de também considerar meus avós, meus tios, meus primos, e até mesmo os amigos mais próximos”. Reside com seus pais e sua irmã.

Relatou de sua vida familiar:

No momento agora está estável, mas basicamente assim, aqui na minha família tem meu pai e minha mãe como referências de autoridade, mas são duas pessoas de, ... numa sociedade, como eu posso falar? Pessoas diferente,

com pensamentos, com criações diferentes, coisas parecidas claro que se encontram, mas que cada um traz na sua realidade, para dentro de casa como referência e eu sou criada a partir disso, desses dois pontos, de duas realidades diferentes que se incorporaram em mim. Sim, é complicado, classificar isso porque conviver com pessoas apesar de família é complicado então, tem seus altos e baixos, tem dias que tem um convívio melhor, é bem relativo. (Zelma).

Definir família é amplo, como que montar um quebra cabeça, diz Donati (2011). Nota-se que os participantes, de uma maneira geral, descrevem a família como junção de pessoas, de lugar de pessoas que se gostam, se protegem, de apoio e incentivo para o futuro da vida, o lugar da estrutura e do porto seguro. Os participantes apresentam uma boa visão sobre o ser família, destacando, a abertura que possuem para dizer que é família também outras pessoas que não são da mesma família, como primos, pessoas próximas, sobrinhos e amigos próximos.

Ante esta observação, Donati (2011. p.30) afirma que “a família ainda conta muito, mas não consegue oferecer razões que expliquem adequadamente porque ela conta, difícil é encontrar o lugar para a família na sociedade de amanhã”.

Com exceção de um participante, os demais moram com seus pais, e descrevem a vida familiar como boa, apesar do que é mais apresentado que são as dificuldades de convivência, por realidades de brigas, ou de ver os pais como “pessoas diferentes”, destacando que as relações familiares poderiam ser melhores, se houvesse diálogo, se saíssem juntos, disse um participante. Havendo uma participante que classificou que a relação familiar não é nem ótima e nem péssima, definindo como razoável.

Neste sentido, discorre Conforme Maluf (2010):

A família é originariamente o lugar onde o homem se encontra inserido por nascimento ou adoção e nela desenvolve por meio das experiências vividas sua personalidade e seu caráter. O conceito de família vem sofrendo, com passar dos tempos, inúmeras transformações de caráter público e privado em face do interesse e do novo redimensionamento da sociedade. Desta forma, por meio de uma interpretação sistêmica dos princípios constitucionais, dos grandes debates doutrinários multifacetados e da interferência legislativa, visa a pós-modernidade, reconhecer direitos familiares a todos os cidadãos tendo em vista sua rica diversidade, a solidariedade e o melhor interesse de seus componentes. (MALUF, 2010, p.1)

## 4.2 CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS SOBRE AS RELAÇÕES FAMILIARES

Ao se perguntar a Alisson sobre o que é relação familiar para ele, respondeu assim:

É uma relação que você tem com uma pessoa da sua família muito gigante por você achar que aquela pessoa pode ser meu pai e também, mesmo não tendo por exemplo: minha tia ela pode ser praticamente minha mãe ela não tem ela não eu não ter nascido da barriga dela, mas ela pode ser sim minha mãe porque ela me apoia. Então para mim relação familiar é isso você tem um pacto, uma relação muito gigante com parente seu. (Alisson).

Ao falar sobre o relacionamento com seus pais, sua maior proximidade ou distanciamento, qual o fator que o aproxima e ou separa, e a quem ele recorre quando se sente em dificuldade, o participante afirmou:

Com meu pai é muito engraçado e, além de me apoiar, ele me faz muito rir, né? Ele é muito divertido. Minha mãe ela é muito cuidadosa comigo carinhosa. Ela sempre me adverte e sempre me ensina novas coisas ela também faz conselhos pra mim para os meus caminhos, me aconselha todos os meus caminhos possíveis para atingir não e também ela me apoia muito dos meus estudos não só ela como meu pai e minha irmã. A relação com meus pais está boa e equilibrada. Me sinto mais próximo da minha mãe, não que com meu pai eu me sinta distante, mas acredito que com minha mãe ela tem sido mais próxima, não me sinto distante. Sempre tenho meus pais e minha irmã por perto. Eu procuro meu pai quando me sinto com alguma dificuldade. (Alisson).

Segundo Alisson, a relação entre os pais é “Na minha opinião a relação de meu pai com minha mãe até que é boa. Eles conversam bastante, são carinhoso um com outro, eles também são brincalhões um com o outro, é boa até”.

Alisson pensa sobre a educação recebida pelos seus pais:

Minha mãe ela sempre educou a gente muito bem e eu acredito que seja muito bom a educação que ela dá para gente fazem que, pois ela adverte todas as coisas que a gente faz, ou seja, ela fala o que a gente tem que fazer. O que tem que tomar cuidado, o que tem evitar fazer essas coisa. Meu pai também e também sempre fala o que a gente tem que fazer, ensina a gente minha mãe e minha mãe adverte todas as coisas que a gente vai fazer. (Alisson).

Sobre os principais conflitos da família, afirma:

Com alguns de meus primos, eles agem com tudo na vida é competição. A gente perde depois eles ficam chateados, mas depois a gente consegue voltar fazer a paz. Para mim um conflito é essa competição não tem muita coisa meus primos que eles são muito competitivos ficam querendo, pensam que a vida é competir, competir nessas coisas. Poucos, não posso dizer que não existe né porque na nossa vida... E o principal conflito que tem é tipo meu pai sempre quer estar certo né muitas coisas. E sempre que ele erra ele fica meio chateado consigo mesmo, mas ele tem que saber uma coisa, se a pessoa erra a pessoa tem que saber que errar normal, é humano, não pode cometer o mesmo erro todas às vezes né? É isso que eu aprendi também com minha mãe né. Ele tá aprendendo. Não está muito estressado porque ele quer sempre estar certo em cima das coisas que a gente fala é mais ou menos por isso. (Alisson)

Ao falar sobre o que agrada na vida familiar respondeu: “A alegria que elas possuem porque é muito contagiante, alegria que elas têm, a positividade, otimismo, que eles sempre são otimistas com as coisas, também a felicidade que eles possuem fazer as coisas, os trabalho que eles têm são muito dedicados”.

Por sua vez, o que lhe desagrada na vida familiar, considerou:

É muito vezes porque alguns dos meus tios né, ficam querendo namorar mais cedo, meus primos, principalmente, querem namorar mais cedo e também fica apertando um pouco a mente das pessoas, né? Aí depois eles vê que isso não é certo é muitas vezes, isso me chateia muito. (Alisson)

O participante Joaquim falou sobre o que é relação familiar para ele afirmando: “Relação entre os membros da família. Como por exemplo a relação que eu tenho com a minha mãe, de conversa com ela, de convívio”.

Quando perguntado sobre o relacionamento com os pais, a questão da proximidade maior, o distanciamento, os motivos, o que faz sentir-se próximo ou distante de um dos pais e a quem recorre quando passa por dificuldades, expressou:

É amistosa. Com minha mãe é boa, a gente sempre conversa. Com meu pai também é boa, amistosa. Com a minha mãe é melhor. Na minha família não me sinto distante com ninguém. Não tenho muito do que reclamar. Quando tô passando por alguma dificuldade, normalmente, de acordo a minha necessidade, às vezes eu falo com minha mãe. (Joaquim)

Sobre a relação entre os pais, respondeu:

A relação deles é ótima até porque não é fácil você conviver mais de 26 anos, com a mesma pessoa, todos os dias. Eu acho que talvez não seja tão fácil, mas eles conseguem lidar muito bem com isso. Muito bem mesmo. Quando um não quer dois não brigam. Eles ensinam muitas coisas, tanto para mim, minhas irmãs e meus sobrinhos, até para as pessoas de fora até

meus primos amigos e familiares, até porque minha mãe faz parte da pastoral da família, meu pai também, ficam juntos na pastoral da família. Minha mãe também na pastoral da criança, então conseguem transmitir essa boa parte da relação para outras pessoas também. (Joaquim).

Joaquim pensa sobre a educação que os pais deram a seus filhos relatando da seguinte maneira: “Para mim foi o modo que eu acho certo. Eu acho que faltou algumas coisas: sentar para conversar mais sobre certos assuntos, mas foi do jeito que deve ser. Às vezes dar uma palmada ou outra quando está desobedecendo, não sei, eu fui criado dentro da Igreja”.

Referente aos principais conflitos da família explicou:

Se baseado no conceito de família que eu dei que seria com as pessoas que eu convivo que seria: eu, meus pais e minha irmã e meus sobrinhos, acho que não tem tanto conflito assim. O que teria seria se eu abrangesse mais e colocasse, por exemplo, meus avós que já fizeram parte da minha educação e meus tios porque aí eu posso botar a situação de meus avós. Talvez seria a criação dos meus sobrinhos porque a minha irmã e o marido dela já vem criando de uma forma diferente né do que meus pais criaram quanto ela quanto eu. Apesar disso quem passa mais tempo, são meus pais com os meninos. Porque minha irmã e o marido vão trabalhar, ou seja, Guilherme, que é meu sobrinho mais velho e Gabriel passam muito tempo aqui, então acho que tem um pouco esse conflito de criação. (Joaquim).

Para o assunto o que mais agrada e desagradar na vida familiar, Joaquim falou: “O que me agrada é nossa relação, porque tudo a gente senta, se a gente tem algum problema a gente senta para conversar a gente não tem de ficar falando mal por trás, respeito com minha mãe e nem minha mãe falta com respeito com meu pai”.

Acho que acaba entrando em conflito alguns pensamentos do meu pai com os da minha mãe. A minha mãe quer sair mais, viajar para outros lugares, dando um exemplo minha mãe quer ir para um outro lugar e meu pai não queira, talvez isso acabe afetando minha mãe. E eu vejo isso e isso me desagradar. (Joaquim).

Ao questionar a Bruno o que é relação familiar para ele, respondeu assim: “A relação familiar é quando tem confiança entre nós da família, amor e cada um de nós se ajuda”.

Quando indagado sobre como é o relacionamento familiar com os pais, sobre sua proximidade e o sentimento desta aproximação ou distância do familiar, e sobre quem ele procura em momentos de dificuldade, respondeu:

O relacionamento com minha mãe é de muito amor e amizade, com meus irmãos também somos juntos e com meu pai um pouco separado porque ele mora com outras pessoas. Sinto-me mais próximo da minha irmã, acho que



me sinto mais próximo dela por conta que ela me ensinou muitas coisas que a minha mãe não poderia me ensinar. Acho que não me sinto distante de ninguém não! E, quando estou com dificuldade não procuro ninguém para me ajudar. (Bruno)

Ao falar sobre a relação entre os pais, Bruno manifestou: “Queria que eles ficassem juntos, uma família unida seria bem melhor. Minha mãe às vezes não gosta de quando eu vou para lá, aí eu tenho esse cuidado. Meu pai me ama, ele quer que eu fique perto dele, mas minha mãe não deixa”.

Sobre a educação recebida pelos pais, o participante declarou:

Acho muito importante que tenha a educação dos pais para os filhos, sendo passado assim adiante. Fico feliz por minha mãe ter me dado essa educação, meu pai também. Porque eu tenho amigos que moram na rua, não têm educação, essas coisas. Não têm relação de amizade com sua família, boa, vivem no mundo. (Bruno)

Quando perguntado sobre os principais conflitos da família, respondeu:

A segurança. A minha mãe tem medo de me perder, essas coisas, aquele cuidado que ela tem, que eu não gosto quando ela cuida muito de mim, aquele cuidado excessivo. Minha mãe não deixa eu ver meu pai, tipo desde e que essa pandemia começou que eu não pude ver ele, essa separação que ela me separa dele (Bruno).

No que se diz respeito ao que agrada e desagrada na vida familiar, Bruno, sobre o que mais lhe agrada é: o “Amor e tipo eu sei, que posso contar com minha família quando precisar deles. São pessoas que eu gosto, cuidam de mim, me dão amor e carinho”. De outra forma, o que mais o desagrada, expressou: “Cuidado muito excessivo de minha mãe. Porque eu queria ir para a casa de meu pai ela não deixa, e ela não gosta quando eu vou para lá, aí chegou a pandemia e ela usou como desculpa para não deixar eu ir para lá”.

Para a participante Janete a relação familiar consiste: “Para mim é o companheirismo de família, é a abertura que eu acho que tem que ter, confiança que tem que existir. Essa relação mesmo de amizade, não enxergar como superior, mas como amigo, para que possa ser uma relação legal”.

Ao ser perguntada sobre o relacionamento com os pais, alegou: “É raso, só o essencial. Seria mesmo só o diálogo do que é necessário, sem muito, sem se aprofundar muito, sem explicar demais”.

Afirmou que sobre a relação entre os pais: “Eu analiso uma relação ruim. Porque eu não vejo sinceridade e eu acho que eles não são verdadeiros um com o outro”. E não respondeu mais sobre o assunto.

Ao perguntar a Janete sobre como pensa a educação dada pelos pais, expôs: “Há um certo ponto eu acho ótimo. Em questão de tudo o que eu aprendi, mas deixou muito a desejar no exemplo, quanto de meu pai”.

A respeito dos conflitos da família proferiu: “A traição de meu pai e a suposta filha”.

Quanto ao que lhe agrada na vida familiar, Janete disse: “Porra! O que me agrada? O cuidado de meus pais, da minha família, a preocupação. Porque eu me sinto querida, me sinto especial”.

Ao se tratar do que não lhe agrada complementou:

O que me desagrada? É...rsrsrs. me desagrada...é, deixe eu ver como vou falar. A falta de preocupação com a tal filha de meu pai e a falta de diálogo às vezes. Bom pela tal filha de meu pai. Porque eu acredito que poderia ser eu e qualquer um no lugar dela e não merecia passar por isso. E é falta de diálogo porque às vezes deixa muitas coisas mal resolvidas. O que acaba sendo frustrante. (Janete).

Com a entrevistada Zelma, para ela “Relação familiar não é só conviver juntos, mas também a troca de valores, de cultura e de vivências”.

Ao pedir para discorrer sobre o relacionamento com os pais, de quem se sente próxima, o que faz sentir assim, se existe alguém que se sinta distante, e o que faz sentir-se assim, e a quem procura quando passa por alguma dificuldade, respondeu:

Sempre tem seus altos e baixos porque tem duas percepções diferentes, por exemplo: meus pais foram criados num contexto, numa realidade e apesar de eles transferirem os valores que eles aprenderam, não é pra mim, eu vivo em outro contexto e em outra realidade. Mas que por conta disso há sempre opiniões diferentes, algumas ideologias diferentes, pensamentos diferentes, mas nada que não possa ser conciliado. É uma mistura de muitas coisas. Muito complicado definir numa palavra só. Algumas vezes conflitante outras vezes amorosa. Acho que são as duas que ficam nesse vai e volta.

Assim, em relação à proximidade eu converso com os dois como igual, é, claro que, da minha mãe mesmo mais próxima, por conta de eu ser mulher e ela também, e por conta dela estar mais presente, porque meu pai trabalha o dia todo, e minha mãe tá mais presente dentro de casa, pode ser por esse fator também.

Em sala de aula, estamos vivendo com pessoas com tudo diferente, eu procuro respeitar cada um, não tenho muito conflito em sala de aula, tenho

muito respeito a opinião das pessoas, e por sorte, eles também me consideram. Em geral considero eles como colegas. Em relação aos professores procuro respeitar sempre eles porque são autoridades em sala, claro, que, há sempre contrariedades, são humanos, são pessoas, podem errar, mas nunca tive muitos conflitos não.

Sobre a relação entre os pais, Zelma afirmou:

Tranquilo. Claro que todo mundo tem suas desavenças de vez enquanto, mas é tranquilo. Cada um tenta compreender o outro de sua forma, apesar de serem pessoas que eu considero completamente diferentes, têm algumas opiniões adversas ou não, mas meu pai ele é compreensivo, gosta de ceder. (Zelma).

Ao perguntar sobre o pensamento acerca da educação dada pelos pais, afirmou:

Acho muito boa eles sempre investiram bastante em educação tanto fora quanto dentro de casa também. É as vezes, como eu posso dizer? Bom. Minha mãe foi criada no interior, então já tem aquelas coisas mais. É uma família mais tradicional, que tem alguns costumes, algumas coisas, sabe? Meu pai também muito cuidadoso com tudo, ai são bem dedicados a nossa família. (Zelma).

Sobre os principais conflitos da família, Zelma disse:

Às vezes ideais assim, por exemplo: meus pais saíram da casa deles cedo e as vezes acham que deve ser assim comigo também, sabe? E eu sou muito apegada dentro de casa, as coisas, a família em si. E eu particularmente não pretendo formar família, então queria conviver mais aqui. É mais por essa questão mesmo de eu criar uma independência maior já. (Zelma)

Ao lhe perguntar o que lhe agrada na sua vida familiar e por que, expressiu:

Oh a sinceridade, verdade é que cada um é realmente do jeito que é, a diferença gera conflitos. Com certeza, mas no final de tudo é todos por todos. Porque por algumas amizades minhas eu vejo muitos conflitos, tipo com os pais, dificuldade de comunicação com os filhos ou o relacionamento de casais mesmo e tentam esconder isso do filho, sabe? Eu vejo que eles não sabem lidar com essas coisas. E aqui não, se vê que está acontecendo isso agente para e conversa. (Zelma)

Ao questionar sobre o que desagrada na sua vida familiar, referiu:

Nossa! Eu acho que apesar de falar a verdade e tudo mais, é, algumas coisas não são bem aceitas. Por exemplo: cada uma vem de uma realidade e hoje em dia a gente vê mais de uma opinião para uma determinada coisa e as vezes é difícil meus pais aceitarem uma coisa que não convém a condição que eles foram criados. Até o momento não tenho raiva, apesar de na maior

parte eu tento compreender o motivo daquilo e como é que se dá aquilo. Eu tento entender o motivo deles, então. É o não dar o braço a torcer. Eu tenho 4 personalidades fortíssimas dentro de casa e as vezes tem pensamentos muito diversos, apesar de as vezes um ou outro dar o braço a torcer, mas sempre tem uma figura que tem aquele pensamento, que é aquilo ali, e não tem jeito, não tem como ser alterado. Ninguém é 100% correto, ninguém é 100% certo, então eu acho de certa forma eu penso assim.

As concepções e as vivências sobre as relações familiares, conforme os participantes, são permeadas com realidades de famílias pequenas, definem em sua maioria o relacionamento familiar como ocorrências no interior das relações entre si. Possuem boa relação com os pais, com confiança, acreditam na educação que os pais deram a eles como sendo de investimento, de cuidados e proteção. Somente uma entrevistada discorre sobre diferenças de idade de aceitação, apresentando mais uma situação conflituosa na relação familiar.

A família é um bem para a sociedade, primeiro, porque é o centro onde nascem e crescem os futuros membros da sociedade. As crianças nascem numa família e, ao nascer, fazem parte da família. É no seio da família que recebem a educação a que têm direito. A família é o primeiro laço de transmissão da cultura. Este papel é insubstituível: o ser humano nasce e cresce no seio de uma família; constrói a sua identidade no seio de uma rede de laços de parentesco. Estamos convencidos (mesmo que esta evidência não seja fácil de demonstrar) que um mundo sem família, em que as crianças seriam geradas em máquinas, sem pais, para em seguida se juntarem, seria muito grave para a existência da humanidade. (VIEIRA, 2015, p. 135).

Dos cinco participantes, apenas um não destacou nada com relação à figura paterna. Os demais apresentaram contextos de conflitos para com o pai. Um entrevistado alegou que o pai não admite errar, e que pessoas próximas, como tios e primos, impõem o namoro antes do tempo, pois ele acha cedo, ao possuir 14 anos.

Ficou evidente que a relação com parentes próximos afeta a relação da família.

Destaca-se nas entrevistas a necessidade que os filhos sentem de que os pais deveriam conversar mais com eles. Especialmente o pai. E isto se fortalece quando dos cinco entrevistados, apenas um recorre ao pai em situação de dificuldade.

Para quem tem pais separados, seu maior conflito é não poder ir ao encontro do pai, pela superproteção da mãe. Para quem tem 18 anos, o maior conflito é aceitar os pais como são.

Os participantes demonstram uma formação crescente de sua personalidade ao compreender o que significa relação familiar, a importância, a interferência de pessoas que não são do mesmo convívio, as diferenças de ideias, pensamentos e culturas como influencia na relação pais e filhos. Assumem a fraqueza na relação paterna em sua maioria. Sabem dizer o que mais é conflitante e entende o motivo, avaliam positivamente o investimento dos pais na educação dos filhos e conseguem perceber onde se faz mais necessário. E, afirmam com positividade o cuidado dos pais e as alegrias das relações, mesmo fragilizadas.

É no interior da pessoa que é formada a sua personalidade, mas também os fatores externos influenciam de maneira direta. Uma pessoa nasce numa história e vive numa condição de vida, numa cultura que predomina de acordo com o local que se vive, a família, ao ambiente da sociedade entre outros. Melhor entendendo o que é a personalidade, considera-se a afirmação de Neto (2011) que diz ser esta o modo de ser do indivíduo resultado de alguns componentes:

É resultado de uma série de componentes: os fatores hereditários, as experiências emocionais, principalmente com os pais, nos primeiros anos de vida, e as experiências traumáticas da realidade da vida adulta. Em resumo, a personalidade reflete a interação entre fatores biológicos e as mais diversas variáveis ambientais. (NETO, 2011, p.32)

Ainda apontando como base afetiva em que se constrói a personalidade, retomamos o que VIEIRA (2015) dispõe a respeito:

A família é um bem para a sociedade porque oferece a base afetiva em que se constrói a personalidade. É preciso ser amado, encorajado, para adquirir a confiança suficiente para poder autorrealizar-se como pessoa, tornar-se pessoa ativa e participativa na vida da sociedade. Quando nascemos, temos necessidade de afeto. É deste modo que adquirimos a força interior necessária para viver, para construir, para resistir às adversidades, ultrapassar obstáculos, realizar os projetos. (VIEIRA, 2015, p.135)

#### 4.3 PERCEPÇÕES SOBRE SI MESMO

Ao perguntar a Alisson sobre o que ele considera importante em sua fase de adolescência, respondeu:

Eu considero minha dedicação como estudante é o que é mais me agrada nessa vida de adolescente. A minha dedicação às coisas, principalmente aos

estudos eu sou muito dedicado a estudar, fazer as atividades, muitas vezes eu fico meio desanimado no fazer as atividade, mas eu tiro isso da cabeça e boto na minha cabeça que sempre muitas atividades faz a gente aprender cada vez mais sobre as coisas, principalmente as coisas da vida, então, eu entendo como isso é normal e também ajuda na minha dedicação ao estudar. (Alisson).

Alisson ao ser perguntado sobre como se considera como estudante, sua relação na escola, com amigos, professores e como se considera como amigo ou namorado, ele falou: “Muito bom. Minhas relações com meus amigos e professores são ótimas, meus amigos temos relações boas, diálogos bons e cada um respeita o outro, e minhas relações com meus professores são ótimas também por conta do respeito que tenho por eles”.

Quanto a rotina, o que mais o ocupa, disse:

Eu acabo tomando o café né? E também o que eu mais faço é jogar os meus jogos, meus videogames, também brincar de futebol com os amigos de rua, principalmente com Antônio, né? Porque eu tô começando, a gente tá marcando muitos babas de futebol. Também tô começando a jogar mais bola, só que com máscara né? E domingo também frequento o baba da Igreja, né? Também eu faço muitos deveres, atividades escolares, muitas atividades, mas eu tô conseguindo fazer todas com calma e também avaliações, que eu sempre tenho muitas avaliações. (Alisson).

Questionado sobre o motivo do uso das redes sociais e da internet, Alisson afirmou: “Olhar desenho, assistir filmes com meus pais, né? Porque também tem uma televisão em casa que é online também, né? Conversar com meus amigos da Crisma. Também meus amigos gerais da rua, para poder marcar o futebol”.

Sobre quais sites são frequentemente usados e por quê? Alisson expôs: “Eu só frequento mais o WhatsApp porque o Instagram eu até criei, só que não era muito bom para mim eu achei meio chato Instagram, aí eu desinstalei, o facebook eu só criei uma conta nele só para poder estar vinculando a conta nos aplicativos do WhatsApp essas coisas”.

Para Joaquim: “O estudo e manter a fé. Sempre estar na presença de Deus e manter o estudo vagabundando, entre aspas”. Foi a resposta dada ao falar sobre o que considera importante na sua fase adolescente.

Ao ser perguntado como se considera como estudante e a sua relação com amigos, entre outras questões, Joaquim discorreu:

Eu sou inteligente, mas eu ainda preciso me esforçar um pouco mais. Principalmente nas matérias que eu tenho mais dificuldade, que eu já tenho uma dificuldade natural por assim dizer. A minha relação é boa. Não sou, éé, o aluno, como posso dizer, ah, que toda sala tem né o aluno popular, não sei o que, não sou aluno popular, quetinho, nem do fundão nem frente, sou do meio. Minha relação é boa, só quando tem umas opinião diferente eu ficava brigando lá em aula de história, pra variar, mas a vida é assim, risos” (Joaquim).

Para Joaquim o que mais ocupa o tempo dele, como ele mesmo disse:

Mexer no celular. Porque às vezes que eu vou fazer alguma coisa aqui em casa eu boto alguma música, alguma coisa para eu ir distraíndo também, quando eu vou varrer a casa, ou então, lavo os pratos, enfim, quando eu faço alguma coisa aqui em casa. E quando eu não estou fazendo alguma coisa também, quando eu não estou estudado e tals e estou no meu horário de lazer por assim dizer, então fico mexendo no celular, na maioria do tempo, ao assistindo, mas é mais mexendo no celular. (Joaquim).

Sobre o motivo do uso das redes sociais, Joaquim afirmou:

Da internet para me comunicar também com outras pessoas, para poder fazer também uma ligação, ou poder conversar com um amigo meu, principalmente nesse momento de pandemia. E as redes sociais além disso que eu falei, receber notícias, vê como está o mundo ai a fora, saber o que está acontecendo. (Joaquim)

Ao ser questionado sobre quais sites são frequentemente usados e por quê? Joaquim apresentou:

Eu estou evitando mais de usar as redes sociais como twitter e instagram, facebook eu já não uso, uso mais o whatsapp, mesmo porque é onde eu me comunico e tals. Mais o motivo de eu usar assim é justamente me comunicar. Porque o whastapp só tem a opção de conversar com a pessoa, mas no instagram eu posso ver fotos que ela posta. Até como forma de catequese, as vezes estou com alguma dúvida da Igreja também né? No instagram eu fico vendo o que a pessoa posta e tals. Então como uma forma de comunicação.

Parafraseando sobre os sites mais usados, Joaquim envergonhado disse: “Não tenho nenhum assim específico, mas tem o g1 que é um site de notícias”. “eu estou evitando sites

pornográficos, eu acesso, mas estou parando mais. Acesso umas três vezes por semana talvez ou quatro vezes.

Já o participante Bruno considerou mais importante em sua fase de adolescente a educação e o amadurecimento. Quanto a consideração que tem sobre o seu ser estudante e as relações, afirmou:

Um estudante um pouco afastado, tipo se eu pudesse voltar no tempo e fazer melhor, como eu queria que fosse, acho que faria. Na escola as minhas relações são bons trato todos bem, sempre ajudo eles quando precisam de alguma coisa, a mesma coisa é com os professores, gosto de todos eles.  
(Bruno)

Como estudante e sua relação, falou “Sou um estudante um pouco afastado, tipo se eu pudesse voltar no tempo e fazer melhor, como eu queria que fosse, acho que faria”.

O que mais ocupa o tempo, na rotina diária de Bruno é o Jogo.

Sendo questionado sobre o motivo das redes sociais, expressou: “Ficar atualizado sobre o que passa em nosso país, os nossos amigos, uma conversa também, redes sociais, novidades de jogo, coisas que vão lançar, músicas também”.

Sobre quais sites são frequentemente usados e por quê, ele emitiu:

Eu parei mais esse ano, desde o começo desse ano eu parei mais disso, visitar muitos site e me concentrando mais o tempo que eu tinha em sites, em jogos, música, dormir também preciso dormir. Os site que eu mais uso é redes sociais, baixo alguns jogos, baixo música, youtube, assistir vídeos.

Parafrazeando com o entrevistado: “Você falou que tinha sites que você não estava usando desde o início do ano, que sites são esses?” O entrevistado respondeu: “São sites que me faziam mal e só me faziam regressar na minha vida. São site meios pornográficos que só me faziam mal”.

Conforme a participante Janete, para o que ela considera importante em sua fase adolescente, disse: “Eu acho importante eu estudar, buscar meu futuro, buscar ser uma pessoa independente e eu acho importante valorizar as pessoas que te querem bem”.



Sobre sua consideração como estudante, afirmou: “Eu me considero uma boa estudante, eu não sou a melhor, mas eu considero uma boa estudante, quando eu quero, eu vou atrás, eu me esforço, então, me considero uma boa estudante, sou esforçada”.

Quanto a sua rotina, no que mais ocupa o seu tempo, respondeu: “Rapaz, atualmente o trabalho”.

Quando questionada sobre o motivo do uso das redes sociais e da internet, a participante Janete relatou: “uma forma de comunicação e uma forma de passar tempo também”. E contou sobre os sites que são frequentemente usados, assim:

Instagram, que eu uso sempre, sempre, sempre e youtube. São os que eu mais uso. Eu uso mesmo o instagram e youtube, são minhas vidas. O instagram é para passar o tempo mesmo e me comunicar porque eu converso bastante pelo direct e o youtube para escutar música e às vezes que eu fico vendo as besteiras de blog para passar o tempo. (Janete).

Com a entrevistada Zelma, sobre o que ela considera importante em sua fase de adolescência, afirmou: “a gente está numa fase que deve estudar, mas focar também na família e na amizade tem um momento muito importante para a gente construir aquelas amizades que a gente leva para a vida para solidificar a nossa base”.

Ao perguntá-la sobre como se considera como estudante, suas relações com os professores, colegas, contou:

Ahh!!! Eu sou estudante. Ultimamente eu passei em todas as matérias desse semestre, eu sei é minha obrigação, mas eu gosto, tenho uma coisa de gostar de fazer aquilo que há um tempo eu estou fazendo por obrigação. Mas é por questões pessoais. Uma estudante verdadeira. Eu gosto de estudar, quando eu gosto, o que eu gosto. Quando se refere à sala de aula, entendo que a gente está convivendo com pessoas diferentes, criações diferentes, estrutura e religiões diferentes. Geralmente eu busco respeitar a opinião de cada um, que cada um determina sua opinião, a partir do que cada um acredita. Claro, exponho minhas ideias tranquilamente, é, é, não tenho muito conflito em relação a sala de aula, sempre, é, muito respeito pela opinião das pessoas, por sorte também as pessoas respeitam a minha opinião por igual. Eu não considero todos meus amigos, alguns sim, pelo apoio, companhia, convívio. Em geral considero colegas. Em relação professores, sempre procurei respeitar eles. Porque são autoridades em sala, se estão ali, são capacitados para estarem ali, acredito eu, claro que há sim contrariedade, porque são

seres humanos, são pessoas, podem errar como pessoa, mas nunca tive um conflito que me destacasse não. (Zelma).

Na rotina de Zelma, o que mais ocupa o tempo dela, afirma: “Estudo! Eu dou aula e as obrigações de casa”.

Ao ser perguntada sobre o motivo do uso das redes sociais e da internet, relatou:

Estar conectado com as pessoas, principalmente agora no momento de pandemia que é mais difícil se encontrar pessoalmente. Eu tenho muitas amizades distantes também, então fica difícil manter o contato com eles a não ser pelas redes sociais. E também compartilhar. É claro que a internet está sendo usada para coisas boas e coisas ruins, mas tudo é troca de informação, conhecimento, pode ser olhado dessa forma também. (Zelma).

Sobre a pergunta: “Quais sites são frequentemente usados e por quê?”, afirmou: “Eu mecho de tudo. Instagram a editores de mídia, a muita coisa, e-mail, site específico assim é bem difícil”.

De acordo as entrevistas, os participantes têm uma consideração quando se trata dos estudos, declarando que é o mais importante na fase da adolescência. Manifestam interesse pelos estudos, declaram empenho, apenas um deles manifestou que está afastado, se considera distante dos estudos.

A escola é um lugar protagonizado por indivíduos que estão passando pelo período do desenvolvimento humano conhecido como adolescência, cumprindo o papel de preparar para a vida adulta, além de aprenderem a trabalhar, assimilar regras sociais, conhecimentos básicos, valores morais coletivos e modelos de comportamentos considerados adequados pela sociedade (JUNIOR; MARTINS, 2019, p. 1).

Declaram ser bons estudantes quatro dos cinco entrevistados, bem como, três entrevistados consideram que podem ser melhores nos estudos.

A escola, e particularmente o período do ensino médio, torna-se um espaço de maior aprendizado do adolescente pois é lá que ele passa, na maioria dos casos, um terço de seu dia e de sua própria adolescência, vivem e manifestam as suas angústias, alegrias, inseguranças, contestações, submissões, fantasias, projetos, aspirações e indecisões (NETO, 2011, p. 112)

Os entrevistados ocupam o seu tempo de acordo ao sexo. Os meninos têm uma rotina de estudo, jogos na internet, e outros acessos de redes sociais, assim como em esportes. As meninas ocupam seu tempo com estudo, trabalho e redes sociais.

As redes sociais são utilizadas para jogar, se comunicar e passar o tempo. Destacando os sites de mais acessos: jogos (exclusivamente para os meninos) e Instagram e Youtube.

Os adolescentes hodiernos encontraram as tecnologias no mundo como algo “normal” e surpreendente, inseridos na sua vida cotidiana, levando a substituir maneiras de estudar, que há aproximadamente duas décadas usava-se as bibliotecas e os livros. E com a chegada da internet, foi-se cada vez mais reduzindo o seu uso. Para Neto (2011) mesmo tendo um possível abandono dos livros, houve avanço no acesso às informações com a chegada da internet, o conhecimento se tornou mais acessível e as gerações se distanciaram.

#### 4.4 PERCEPÇÃO SOBRE O FUTURO

O entrevistado Alisson, diante da pergunta: Como você se imagina daqui a alguns anos, na vida adulta? Você pensa em constituir família no futuro? A partir de que idade? Deu a seguinte resposta:

Ainda não estou pensando nisso não. Isso eu penso sim em poder casar, poder ter filhos, mas só em uma idade certa que eu vou poder pensar melhor nisso, por agora eu não estou pensando muito nisso. Acho que mais pros 25 anos, 28, mais 25 anos, ou 30. Me imagino como um cidadão honesto, justo, religioso, educado, com um emprego bom e com uma vida alegre, feliz e religiosa, sempre tentando dar o melhor para ser feliz (Alisson).

Quando interrogado sobre o que não gostaria de repetir em sua família, caso venha a constituir uma, respondeu: “A desunião né? Porque tem vezes que a minha família se desune, mas depois eles voltam, né? Tipo irmãos briga, mas depois tá junto, um perto do outro já feliz, alegre. A desunião e a competitividade isso é o que eu não quero na minha família”.

Com relação ao contrário, o que gostaria de repetir em sua família, caso constitua uma, afirmou: “Eu queria que a minha família, e que eu tiver, queria que ela pegasse muito mesmo, o otimismo que minha família tem atualmente, também, a dedicação nos afazeres, nos trabalhos”.

Sobre a quantidade de filhos, falou: “Eu acho três filhos três, no máximo três mesmo”.

O participante declarou como pensa viver no futuro, se não for constituir família, desta maneira:

Uma pessoa que não pode construir uma família que não quer família no futuro é meio que desanimado né? Mas eu acho que no futuro se eu não pensar em constituir uma família eu acho que vou ficar meio desanimado, vai ser desanimação. Eu acho que eu viveria sozinho e desanimado, solitário é um pouco solitário, bastante até né? (Alisson).

Questionado se gostaria de acrescentar algo, Alisson disse: “Pensando, refletindo um pouco da minha no meu caminho, né Eu acho que essas perguntas me ajudaram a pensar, refletir os meus caminhos, ajudar um pouco a minha mente, refletir um pouco, um pouco não, bastante os meus caminhos que eu vou estar produzindo no meu futuro”.

O participante Joaquim, sobre seu pensamento em constituir família relatou: “Penso sim. 19 ou 20 anos. Depois que eu me formar, depois que eu tiver já um emprego e uma vida escolar boa.

Sobre o que não gostaria de repetir de sua família, falou:

Talvez a falta de conversa, com os filhos. Sobre os ensinamentos, chegar sentar e conversar mais sobre determinado assunto, assim um tabu, sabe? Como, por exemplo, a puberdade, quando você é criança ou chega na adolescência que não entende o que é sexo por exemplo, que se você não aprender isso em casa você vai aprender na rua, você vai aprender fora de casa, aí você pode aprender ou na Igreja né, talvez que eu acho difícil, porque eu também não aprendi assim. E eu acho que isso não é bom para uma criança. (Joaquim).

Ao ser perguntado sobre o que gostaria de repetir de sua família, disse: “A harmonia que eles têm, tipo, estar a tanto tempo junto, sabe? No trabalho, na Igreja”.

Foi perguntado sobre quantos filhos o entrevistado gostaria de ter, e ele respondeu: dois.

Conforme a pergunta de como viver no futuro, caso não venha a constituir família, Joaquim expressou: “Servindo a Deus de alguma forma. Rapaz, o futuro só pertence a Deus. Também vou mudando. Então eu não sei”.

Já o participante Bruno, sobre constituir família e em qual idade, disse: “Penso. Uns 26 ou 27 anos quando eu já tiver uma carreira boa”.

Quando perguntado sobre o que não gostaria de repetir de sua família, afirmou: “Eu não queria que tivesse uma separação e falta de confiança”.

Sobre o que gostaria de repetir em sua família, o entrevistado falou: “Todo o amor, carinho que eu tenho, todo respeito”.

Pensa ele em ter três filhos, mas não deixou certo, ao ser entrevistado ele respondeu: “Acho que três”. Também foi perguntado se ele não for constituir uma família, como pensa viver no futuro? Ele expressou: “Se eu não casar, serei um religioso”.

Para a entrevistada Janete, sobre o que pensa em constituir família no futuro? E a partir de qual idade. Ela informou que não deseja constituir família.

Ao perguntar: “Caso venha constituir família, o que você não gostaria de repetir de sua família?”, a participante Janete falou: “Traição, desconfiança”.

Sobre o contrário da pergunta anterior, Janete afirmou “O cuidado que eles têm comigo e a atenção mesmo, o cuidado, o respeito, a atenção, saber lidar”.

Questionando-a sobre a quantidade de filhos que gostaria de ter no futuro, a participante salientou: “Se for de ter dois, através de um amiguinho ou adotar”.

Também questionada sobre como pensa viver no futuro, ela disse: “Eu penso em viver sozinha entre aspas. Com a minha família, meus amigos, mas no contexto de vida pretendo viver sozinha, ter sempre uma pessoa, mas nada fixo. Sem oficializar, tipo: é meu namorado, é meu marido”.

Para Zelma, referente a seu pensamento de constituir família no futuro e em que idade, revelou: “oh eu prefiro pensar às vezes no atual, mas pelo o que eu vivo agora não. Se possível muito depois dos 30, 35 anos, depois de já ter uma estabilidade muito boa, mas na minha cabeça não”.

Quando entrevistada sobre o que não gostaria de repetir de sua família, caso venha a constituir sua família, falou: Isso é bem difícil porque tudo o que eu sou é porque eu fui criada a partir daqui. Acho que só mesmo essa questão da compreensão”.

Ao referir-se ao que gostaria de repetir da família em sua família, caso venha a constituir, disse: “ah meus pais estão muito presentes tipo, eles são aqueles pais mesmo, que sempre está presente, se precisar está ali junto, é isso aí, porque por exemplo: eu falo de colegas também têm muitos que os pais trabalham”.

A participante Zelma, sobre a quantidade de filhos que gostaria de ter, disse: “Olha (risos), do nenhum, para o, acho que, se no máximo, no máximo, no máximo dois. Para fazer companhia um ao outro sabe? Bem relativo”.

De acordo a pergunta sobre como pensa viver no futuro, caso não constitua família, respondeu:

Ah com certeza, primeiramente o estudo, eu penso assim, porque eu faço isso eu estudo mais para poder ajudar meus pais para dar uma estabilidade a eles e se eu puder eu vou viajar, conhecer o mundo, eu sou mais mesmo de aventura, eu gosto de me aventurar eu não tenho medo disso, apesar que tem muita gente na família que tem muita dificuldade de deixar de lado, eu gosto bastante de me aventurar em algumas coisas. Por exemplo, eu pretendo depois de terminar a faculdade se eu não começar outra eu vou fazer um intercâmbio ou trabalhar fora, coisa do tipo. (Zelma)

Após a entrevista, acrescentou:

Falar sobre família realmente é algo complicado, ainda mais nesses tempos de hoje que a gente vive destruindo o conceito de família de muito abandono, muita coisa, eu vejo hoje o desinteresse maior em querer constituir uma família pelas dificuldades, mas também que não é fácil manter uma família financeiramente e até psicologicamente, trabalho essas

coisas, tem que optar mesmo, mas enfim dá pra ter, só não é fácil como as pessoas pensam. (Zelma).

Os participantes, quanto a percepção sobre o futuro, são bem próximos com suas respostas. Embora três não tenham interesse em constituir uma família, sendo duas adolescentes do sexo feminino e um adolescente do sexo masculino. Seus interesses estão em viver sozinhos, e dedicar-se a algo que se mantenham sós.

Nos tempos atuais a dinâmica dos relacionamentos apresenta o descarte do que nos incomoda, fortalecendo o individualismo, acentuando a consequência da fragilidade dos laços de casamento.

Afirma Petrini:

Aumentam as separações e os divórcios, os jovens se casam mais tarde em comparação há duas décadas atrás, diminui significativamente o número de casamentos, aumenta o número de famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias monoparentais, e as chefiadas por mulheres. (PETRINI, 2005, p. 44).

“Em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bençãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro”. (BAUMAN, 2004, p. 9).

Os dois participantes que desejam instituir uma família, são do sexo masculino, um manifestou o interesse de assim fazer ainda na juventude e entre 19 a 20 anos, e o outro de 26 para 27 anos de idade.

Todos apontam a conclusão dos estudos, e estarem empregados, como algo indispensável antes de iniciarem uma nova família. Usam os termos: bom trabalho, carreira e estabilidade para afirmarem este pensamento.

Verifica-se na família dos entrevistados uma percepção de desunião, falta de diálogo, divórcio em um caso, desconfiança, traição e incompreensão. Sendo estas as realidades que eles informaram não desejarem repetir na família que supostamente possam compor.

Uma ocorrência significativa gerada pelo individualismo que influencia na estrutura familiar é a mudança de mentalidade acerca das relações, que se tornaram mais fluidas. De acordo com Bauman (2004), o fracasso no relacionamento é frequentemente um fracasso na comunicação pelo medo e preguiça, ou por viver tentando agradar e fugir do problema, entretanto, não existe uma forma de construção do pensamento e do aprendizado se não for por meio do diálogo, e da conscientização de que nem sempre nossos desejos poderão ou deverão ser atendidos, e isto faz parte do desenvolvimento saudável do ser humano, e, sobretudo, do adolescente que vive a fase de transição para a vida adulta, devendo todos os membros da família estar dispostos a enfrentar estes aspectos da relação familiar.

Destaca-se positivamente na família dos participantes, independente das relações e conflitos, o otimismo, a dedicação dos pais nos afazeres, a harmonia dos cônjuges ente si, o amor, o carinho que têm com os filhos, bem como o respeito, a atenção, o ser presente. Isto favorece o interesse de repetir em suas famílias novas, se vierem estabelecer.

Podemos verificar que, apesar de muitas denominações atuais sobre família, como família reestruturada, reconstituída, reorganizada, nova família, não há um conceito novo de família, pois embutidos na família, existem várias possibilidades de novas configurações, não ficando exclusivamente em um único modelo. Mesmo com todos os estudos sobre famílias existentes, ainda há a dificuldade dos autores de conceituar e denominar tais configurações familiares. (OLIVEIRA, 2009, p. 99).

Vieira (2015, p. 135) justifica que a família é um bem para a sociedade apresentado os cinco motivos: “é o centro onde nascem futuros membros da sociedade; porque oferece a base afetiva em que se constrói a personalidade; porque o laço familiar é a primeira experiência do laço social; por causa da solidariedade familiar e porque é um bem para o ser humano”.

Nota-se que a quantidade de filhos que os entrevistados expressaram a possibilidade de ter, é uma reprodução da quantidade de filhos que os seus pais têm. Todos eles “copiaram” a quantidade de filhos dos pais. Na Família de Alisson são três filhos, e ele pensa em ter três filhos, Joaquim tem uma irmã em casa, e pensa em ter dois filhos, Janete tem uma irmã e pensa em ter dois filhos, Zelma só tem uma irmã, e se por acaso venha a ter filhos, que não é a preferência dela, terá no máximo dois.



Chama a atenção o posicionamento de Janete que não deseja ter família, e se desejar ter um filho, fará com um amiguinho ou por meio de adoção.

Sobre o futuro dos entrevistados fica em evidência para os que não desejam ter família, querem viver sozinhos, e os que desejam constituir família não sabem ao certo o que desejam ser quando adulto com família.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral do presente trabalho que consiste em conhecer as vivências de adolescentes na família de origem e as perspectivas para constituição da própria família. Para analisar se a realidade de vida atual dos adolescentes os orienta para constituir novas famílias ou o que eles pensam para seu futuro, a partir do passado e presente vividos.

Considerando o grupo de adolescentes que participaram das entrevistas, todos católicos, participantes da Pastoral Catequética como catequizandos de Crisma, que é o sacramento da confirmação da fé Cristã, dentro do dogma da Igreja Católica, pode-se concluir ter havido um avanço significativo nesta direção, sem, entretanto, ter-se esgotado tal propósito.

A seguir, considerando os objetivos específicos deste trabalho, procurou-se identificar os principais dados obtidos que podem esclarecê-los.

Sobre o objetivo específico de “Conhecer as inquietações que os adolescentes passam diante de suas interrogações e aspirações nas relações familiares e como atendem suas exigências e necessidades como família”, constatou-se que os adolescentes têm uma relação com os pais, em sua maioria, considerada boa, porém, sobressaiu que não possuem uma convivência de diálogo.

Apesar de conceber a importância da vida familiar e das relações que possuem, encontram necessidades que não são atendidas, destacando-se, principalmente, a falta de diálogo e uma boa relação dos pais com os filhos. O melhor relacionamento afetivo e de diálogo que os filhos conseguem realizar são com as mães.

As aspirações dos adolescentes estão entre concluir os estudos e seguirem uma carreira profissional.

Como família, possuem uma clareza que são cuidados e que são amados, mas não se sentem insatisfeitos devido problemas da relação familiar, tais como: desunião, traição,

divórcio, falta de confiança, falta de compreensão, falta de diálogo com os filhos e principalmente sobre algumas questões que são próprias da puberdade.

Para o segundo objetivo específico que é “identificar o entendimento e a compreensão do ser família”, percebe-se que todos os adolescentes manifestaram conhecer o que é família como uma junção de pessoas que moram juntas e aquelas que eles gostam, mesmo não morando numa mesma casa, possuem um estreito vínculo afetivo, como parentes próximos e até amigos. A família é tida como: pessoas que se gostam, “porto seguro”, lugar de apoio, de criação, de berço.

Tendo como o terceiro objetivo específico deste trabalho: “a análise de vida atual do adolescente, para constatar se ela orienta para constituir nova família, dando continuidade ao modelo pré-existente ou se nascerá uma nova família destituído do modelo anterior”, chega-se a averiguar que: a vida atual dos adolescentes não direciona a constituir novas famílias.

A maioria dos adolescentes não desejam constituir novas famílias e inclusive um deles apresentou uma possível tendência a morar sozinho com possibilidade de ter vida conjugal sem compromisso e sem duração de tempo. Ficou evidente que a maioria dos adolescentes pensam numa vida cultivada no individualismo.

A personalidade dos adolescentes é formada pelas realidades de vida que eles possuem na família. Gostam de ser e ter a família, mas não impulsionam a querer unanimemente constituir uma nova família. Dos cinco participantes da entrevista somente dois apresentaram o desejo de constituir família, e mais firmemente somente um. Chamou a atenção que os que manifestaram interesse em ter uma família são do sexo masculino. As meninas entrevistadas não desejam compor uma nova família.

O modelo de família para os adolescentes é o que eles possuem, tanto que, quando questionados de uma possibilidade de nova família eles repetiram o modelo que vivem, desejando ter a mesma quantidade de filhos que seus pais possuem. Talvez não tenham percebido isto, mas foi verificado na análise das entrevistas.

As estratégias metodológicas utilizadas permitiram conhecer a realidade dos adolescentes no cotidiano, nas relações familiares e o que pensam sobre sua família, sua vida e o pensamento para seu futuro. Não possibilitaram, porém, ter uma melhor clareza sobre o conhecer a fundo as vivências dos adolescentes que favorecer a investigação com problemas familiares, se contribuem ou não a sua personalidade para construir ou não uma família, bem como, ter uma análise mais específica da realidade de vida dos participantes.

Diante dos resultados encontrados, certas implicações práticas podem ser consideradas, são elas: Compreender a consciência que caracteriza um jovem indivíduo em desenvolvimento; identificar o mecanismo natural de conexão das identificações que influenciam na formação da personalidade dos adolescentes, mantendo-se ainda como a principal delas as identificações com os pais; perceber os adolescentes como indivíduos em constante busca de espaço e conquista de ideais preestabelecidos ou adquiridos ao longo do percurso de aprendizagem; e, descobrir que muitas são as políticas públicas e ações sociais voltadas à proteção e instrução desses indivíduos através de estudos, como os citados durante o desenvolvimento deste trabalho, e construção de perfis específicos que facilitam a elaboração de atividades que visam melhor orientar os adolescentes.

Diante do que foi constatado no presente estudo, identificou-se a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem as relações dos filhos com os pais, e o pensamento do filho como filho, a maneira como eles se veem e gostariam de ser considerados, a partir de sua própria visão. Bem como aprofundar sobre a vida dos pais como impacto de formação de novas famílias, e a relação paterna na constituição da identidade dos filhos. Possivelmente, ao fazer entrevista com os filhos, faz-se necessário uma investigação também com os pais ou responsáveis dos filhos entrevistados, para fazer uma melhor análise e constituir uma avaliação mais aprofundada.

Constitui uma necessidade, pois, aprofundar mais esta questão sobre o futuro da família, investigando as causas da desistência do adolescente em constituir família e investigar os que já passaram por este pensamento e acabaram por decidir constituir sua própria família, para analisar os reais fatos que permeiam o pensamento e a vida dos adolescentes, podendo, assim, dar uma contribuição para a sociedade e atuações de profissionais dedicados ao estudo do tema.

Assim como os adolescentes não podem ser considerados como indivíduos prontos e suficientemente maduros para a vida social, afetiva, civil e profissional, as respostas obtidas através das entrevistas realizadas não significam uma verdade absoluta na vida de cada um dos participantes, são tão somente impressões juvenis destes meninos e meninas em fase de desenvolvimento e constante mudança de opinião.

Por fim, esta dissertação poderá contribuir para futuras pesquisas, motivando outros acadêmicos em trabalhos que permitam o foco nas atividades que visam a melhoria nas técnicas de relacionamento com adolescentes nas diversas áreas de interação que um jovem esteja inserido, promovendo uma performance mais atrativa para os mesmos, e uma visão mais estratégica das funções de quem trabalha diretamente com adolescentes, trazendo objetivos mais precisos para as suas atividades e traçando planos para chegar a melhores resultados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* (org.). Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; MARQUES, Camila Salgueiro da Purificação. A instituição familiar e a relação humana de familiaridade. In: Psicologia Política. 2013, v.13, n.26. p. 37-53.

AVENA, Maura Espinheira. Vínculo Parental, autoridade e adolescências: caminhos e descaminhos para a “adaptação ativa à realidade”. Tese (Doutorado em Família) - Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador. Bahia, 2017.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação - Educere. Curitiba, 2011.

BASTOS, Ana Cecília de Souza. (orgs.). Família no Brasil: Recurso para a pessoa e Sociedade. Curitiba: Juruá, 2015.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERENSTEIN, Isidoro. Problèmes Familiaux Contemporains ou Situations Familiales Actuelles: Invariance et Nouveauté. *Psicol. USP* [online]. 2002, v.13, n.2, p.15-25. ISSN 1678-5177.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. Em C. R. Althoff, I. Elsen & R. G. Nitschke (org.). Pesquisando a família: olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa-livro. p. 91-106. 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 63-76, jan/jun 2007.

BOZZA, Thais Cristina Leite. O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual. Orientador: Profa. Dra. Telma Pileggi Vinha. 2016. 261 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: [http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeeducacaonaeradigital\\_011120181554.pdf](http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeeducacaonaeradigital_011120181554.pdf). Acesso em: 8 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 08 Mar. 2021.

BRONFENBRENNER, U. A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre, Artes Médicas. 1996.

CALLIGARIS, Contardo. A sedução dos jovens. Folha de S. Paulo, p. 4, 1998.

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha. 2000.

CALLIGARIS, C. Entre as gerações: a guerra dos gozos. Folha de S. Paulo, Ilustrada. 2001.

CORRER, R.; FAIDIGA, M. T. B. O uso do celular por adolescentes: impactos nos relacionamentos. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 24-39, 2017. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=647](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=647).

DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA, Ana da Costa. Família no curso de vida: compreendendo a família e seus desafios na contemporaneidade. Curitiba: Juruá, 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, abr. 2007.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 jan. 2021.

DONATI, Pierpaolo. Família no Século XXI: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2011.

DONATI, Pierpaolo. The family as a source of relational goods (and evils) for itself and for the community. *Italian Journal of Sociology of Education*, 8(3), 2016. p. 149-168. In: FORNASIER, R.C. Memória e Família na Sociologia de Pierpaolo Donati e na sua Antropologia de Francesco Botturi. Memorandum 35, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2018.

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

EISENSTEIN E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7. 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

\_\_\_\_\_. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALLE, M. A. F. (org.). Família: redes, laços e políticas públicas. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Família no Brasil: recurso para a pessoa e a sociedade. Curitiba: Juruá, 2015.

FROTA, A.M.M.C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, n.1, p.144-157, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4518/451844613015.pdf>. <https://www.childhood.org.br/da-infancia-para-a-adolescencia> acesso em 31/03/2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009.



GIBSON, W. Neuromancer. São Paulo: Aleph, 2003.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2008.

GIUSSANI, L. Educar é um risco. Tradução de Neófita Oliveira, Bauru: Edusc, 2004.

GRIFFA, Maria Cristina. MORENO, José Eduardo. Chaves para a psicologia do desenvolvimento Tomo 2: adolescência, vida adulta, velhice. São Paulo: Paulinas, 2008.

GROSSMAN, E. A construção do conceito de adolescência no ocidente. Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 47-51, 2010.

HEILBORN, Maria Luiza A.; PEIXOTO, Clarice E.; BARROS, Myriam M. Lins de. Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: cuidadoras familiares. Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 30(2), p.1-8, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v30n2/0103-7331-physis-30-02-e300206.pdf>. Acesso em 08 mar.2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Amostra - Famílias do ano de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/24161>. Acesso em: 29 out. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da População Brasileira 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

JUNIOR, Paulo de Tarso Xavier Souza; MARTINS, Hέλvia Moreira Mineiro. Confissões de adolescentes: os olhares da adolescência na escola. Horizontes, [s. l.], v. 37, 15 mar. 2019.

KALOUSTIAN, Sίlvio Manoug. Família Brasileira: a base de tudo (org.). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LÉVY, Pierre. CIBERCULTURA. São Paulo: 34, 1999. 264 p.

LÍRIO, Luciano de Carvalho. A construção histórica da adolescência. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST**, São Leopoldo RS, v. 28, p. 72-79, Maio/Agosto 2012. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em: 9 jan. 2021.

LOOS, Helga. A qualidade das relações familiares afeta o autoconceito e a autoestima de crianças. Campinas, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext\\_pr&pid=S0103-166X2010010800002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext_pr&pid=S0103-166X2010010800002). Acesso em: 18 out. 2018.

MAIORGA, C. Identidades e adolescências: uma desconstrução. Pesquisas e práticas psicossociais, São João Del-Rei, v. 1, n. 1, 2006.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. Novas modalidades de família na pós-modernidade. Tese (Doutorado em Família) - Faculdade de Direito, USP. São Paulo, 2010.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. A composição da Família na Pós Modernidade. Revista FMU Direito, São Paulo, ano 24, n. 34, p.1-17, 2010.

MILANI, Feize Masrour. Adolescência: um fenômeno cultural. Presente! Revista de Educação, [s. l.], n. 4, ed. XV, p. 5-11, set/nov 2007. Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/adolescencia-um-fenomeno-sociocultural-diz-feizi-milani>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *et al.* Orgs. Pesquisa Social Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIZRAHI, Mauricio Luis. Família, Matrimônio y divórcio. Buenos Aires: Astrea, 1998. p. 62-63.

MOREIRA, Lucia Vaz de Campos. (org.). Relações Familiares. Curitiba: CRV, 2016. v. 2.

MOREIRA, LUCIA VAZ DE CAMPOS *et al*, (org.). *RELAÇÕES E POLÍTICAS FAMILIARES*. Belo Horizonte: Dialética, 2020. 372 p. ISBN 978-65-5877-907-0.

MOROMIZATO, Maíra Sandes *et al*. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Rev. bras. educ. med.* [online]. 2017, vol.41, n.4, pp.497-504. Acessado em 07/01/2020.

NAHAS, Luciana Faísca; ANTUNES, Ana Paula de Oliveira. Pandemia, fraternidade e família: convivência e importância da manutenção dos laços familiares. In: *Pandemia, direito e fraternidade: um mundo novo nascerá*. VERONESE, Josiane Rose Petry; MACHADO, Carlos Augusto Alcântara; POZZOLI, Lafayette (Orgs). Caruaru: Ascens, 2020 p. 149-164. Disponível em: <http://repositorio.ascens.edu.br/bitstream/123456789/2632/3/978-65-88213-03-2.pdf>. Acesso em 08 mar. 2021.

NETO, Francisco Batista. OSORIO, Luiz Carlos. (Orgs.) *Adolescentes o desafio de entender e conviver*. Florianópolis: Isular, 2011.

OLIMPIO, Eliana. MARCOS, Cristina Moreira. A escola e o adolescente hoje: a partir da psicanálise. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.21, n.3, p. 498–512.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. 2009. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

OLIVEIRA, Cyntia Bisinoto Evangelista. MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v.27, n.1, p.99-108, 2010.

OPA/OMS Brasil. Uma pessoa morre por suicídio a cada 40 segundos. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6017:suicidio-uma-pessoa-morre-a-cada-40-segundos-afirma-oms&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6017:suicidio-uma-pessoa-morre-a-cada-40-segundos-afirma-oms&Itemid=839). Acesso em: 08 set. 2020.

PARNAÍBA, Cristiane dos Santos. GOBBI, Maria Cristina. Os jovens e as tecnologias da informação e da comunicação: aprendizado na prática. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, São Paulo, ano 3, n. 4, 2010.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade Social: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. 2010. ARTIGO.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. Políticas públicas e necessidades humanas com enfoque no gênero. *Sociedade em Debate*. Pelotas, ano 12, n. 1, p. 67-86, jun. 2006. Disponível em: <[http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/POLITICAS\\_PUBLICAS\\_E\\_NECESSIDADES\\_HUMANAS\\_COM\\_RECORTE\\_NO\\_GENER.pdf](http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/POLITICAS_PUBLICAS_E_NECESSIDADES_HUMANAS_COM_RECORTE_NO_GENER.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2020.

PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, Barbacena, v.2, n.2, p.89-100, jun. 2004. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167944272004000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272004000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 out. 2020.

PETRINI, G. Políticas sociais dirigidas à família. In: Ângela Borges e Mary Garcia Castro (org.). *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007, v. 2, p. 207-231.

PETRINI, João Carlos. CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (org.). *Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Maringá*, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 set. 2020.

PRIOSTE, Cláudia Dias. O adolescente e a internet: laços e embaraços do mundo virtual. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

QUIROGA, A.M. Prefácio. In R. Alvim, T. Queiroz & E. F. Junior (org.). Jovens & Juventudes. João Pessoa: PPGS/UFPB, 2005. p.15-20.

REGO, T. C. Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicol. cienc. prof.* 2008, v. 28, n. 3, p. 622-631. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300014&lng=pt&nrm=iso).

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Campinas*, v. 22, n. 1, p. 33-41, mar. 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2005000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 abr. 2020.

SAMARA, Eni de Mesquita. O que mudou na família brasileira? da colônia à atualidade. *São Paulo*, v. 13, n. 2, p. 27-48. 2002.

SARACENO, C. Sociologia da família. Lisboa: Editorial, 1997.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In A. R. Acosta & M. A. F. Vitale (org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Editora Cortez, 2007. p. 21-36.

SAÚDE BRASIL. Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha nacional. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46276-prevencao-de-gravidez-na-adolescencia-e-tema-de-campanha-nacional>. Acesso em: 08 set. 2020.

SCHENKER, M. & Minayo, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, p. 707-717. 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232003000100022&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100022&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 out. 2020.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. Adolescência por meio dos séculos. Brasília, v.26, n.2, p. 227-234. abr./jun. 2010. ISSN 0102-3772. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SINGLY, F. O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. *et al.* Família e individualização. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.13.

SILVA, Rosimere Viana Barbosa da. Os Conflitos na Fronteira de Contato entre Pais e Filhos Adolescentes. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 53-66, 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262015000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 mar. 2021.

SILVA, Isabela Machado da; SCHMIDT, Beatriz; LORDELLO, Silvia Renata; NOAL, Débora da Silva; CREPALDI, Maria Aparecida; WAGNER, Adriana. As relações familiares diante da COVID-19: Recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 12-28, jul.2020. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40030/1/ARTIGO\\_RelacoesFamiliaresCovid-19.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40030/1/ARTIGO_RelacoesFamiliaresCovid-19.pdf). Acesso em: 08 mar.2021.

STENGEL, Marcia; FRICHE, Marilza de Lima. O adolescente, seu quarto e as relações familiares contemporâneas. In. MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; FORNASIER, Rafael Cerqueira. (Orgs.). Adolescentes adolescências: família, escola e sociedade. Curitiba: Crv, 2018.

TAPSCOTT, Dan. Geração Digital: A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TAVEIRA, Dayse Maria Oliveira dos Santos; Bastos, Liliana Cabral. Coé, chegaí: pesquisando a dinâmica da formação de grupos de adolescentes em narrativas de inclusão e exclusão. Rio de Janeiro, 2012, 206 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=72074>. Acesso em: 18 out. 2018.

TIBA, Içami. *Adolescentes: Quem Ama Educa*. São Paulo: Integrare, 2005.

TORRES, Sheila Zimmermann de Moraes. *Adolescências: diferentes contextos, diferentes histórias*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2008.

VERONESE, Josiane Rose Petry; MACHADO, Carlos Augusto Alcântara; POZZOLI, Lafayette (Orgs). *Pandemia, direito e fraternidade: um mundo novo nascerá*. Caruaru: Asces, 2020. Disponível em: <http://repositorio.asces.edu.br/bitstream/123456789/2632/3/978-65-88213-03-2.pdf>. Acesso em: 08 mar.2021.

VIEIRA, Domingos Lourenço. A família é um bem para a sociedade. In *Broteria: cristianismo e cultura*. 2015. v.179, n.2-3, p.135-154. Disponível em: [https://www.snpcultura.org/familia\\_e\\_um\\_bem\\_para\\_a\\_sociedade.html](https://www.snpcultura.org/familia_e_um_bem_para_a_sociedade.html). Acesso em: 21 set. 2020.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa *et al.* *Sociedade Conectada: Tecnologia, Cidadania e Infoinclusão*. In: *TECNOLOGIA, Sociedade e Educação na Era Digital*. 1. ed. Duque de Caxias: Unigranrio, 2016. v. 1, cap. 1, p. 17-22. ISBN 978-85-88943-69-8. Disponível em: [http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeeducacaonaeradigital\\_011120181554.pdf](http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeeducacaonaeradigital_011120181554.pdf). Acesso em: 8 jan. 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In. *Temáticas*. Campinas. v.22. n.44, p. 201-218, ago/dez 2014.

YIN, R.K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA O QUE O ADOLESCENTE PENSA SOBRE A FAMÍLIA

Entrevistador(a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. Início: \_\_\_\_\_  
Fim: \_\_\_\_\_

#### I) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: \_\_\_\_\_ 2. Sexo: \_\_\_\_\_
3. Etnia/cor: \_\_\_\_\_ 4. Escolaridade: \_\_\_\_\_
5. Ocupação – atualmente: (a) está trabalhando; (b) está estudando S/N \_\_\_\_\_ c) Se não estiver estudando, qual motivo: \_\_\_\_\_ d) Qual série \_\_\_\_; e) Escola Pública ou Privada \_\_\_\_\_ (f) qual religião: \_\_\_\_\_
6. Cidade e bairro em que reside: \_\_\_\_\_ 7. Há quanto tempo residem: \_\_\_\_\_ 8. Quantas pessoas moram na sua casa? \_\_\_\_\_ 9. Quantos adultos? \_\_\_\_\_ 10. Quantas crianças? \_\_\_\_\_ 11. Quantos adolescentes/jovens? \_\_\_\_ 12. Quantos idosos? \_\_\_\_\_.
12. Relacionamento: Você está namorando? \_\_\_\_\_

#### II) DADOS SOBRE FAMÍLIA

13. O que é família para você?
14. Quem faz parte da sua família?
15. Com quem você reside?
16. Os seus pais moram juntos ou são separados?
17. Como descreve a sua vida familiar?

#### III) CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS SOBRE AS RELAÇÕES FAMILIARES

18. O que é relação familiar para você?
19. Descreva como é o relacionamento com seus pais ou pessoas com quem você convive. (você se sente mais próximo de alguém? O que te faz sentir assim? Você se sente distante de alguém? O que te faz sentir assim? Ou quando você está passando por alguma dificuldade, você procura alguém da sua família para te ajudar?)
20. Como você analisa a relação entre os seus pais, ou responsáveis?
21. O que você acha da educação que os seus pais ou responsáveis dão para os filhos?



22. Quais os principais conflitos da família?
23. O que lhe agrada na sua vida familiar? Por quê?
24. O que lhe desagrada na sua vida familiar? Por quê?

#### **IV) PERCEPÇÕES SOBRE SI MESMO**

25. O que você considera importante em sua fase de adolescente?
26. Como você se considera como estudante? (como são suas relações na escola, com amigos, professores? como você se considera como amigo e/ou namorado (a)?)
27. Em sua rotina o que mais ocupa o seu tempo?
28. Qual o motivo do uso das redes sociais e da internet?
29. Quais sites são frequentemente usados e por quê?

#### **V) PERCEPÇÃO SOBRE O FUTURO**

30. Como você se imagina daqui a alguns anos, na vida adulta? Você pensa em constituir família no futuro? A partir de que idade?
31. Caso venha constituir família o que você não gostaria de repetir de sua família?
32. E caso você constitua família o que você gostaria de repetir da sua família?
33. Quantos filhos você gostaria de ter, caso venha constituir família?
34. E se não for constituir família, como pensa viver no futuro?
35. Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que conversamos? Obrigado(a) pela colaboração.

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a autorizar a participação de seu filho(a), como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “O QUE OS ADOLESCENTES PENSAM SOBRE A FAMÍLIA?” e desenvolvida pelo pesquisador Edson Queiroz Bahia, acadêmico do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador. Esta pesquisa tem por objetivo conhecer as vivências de adolescentes na família de origem e as perspectivas para constituição da própria família, na cidade de Camaçari-BA.

O(s) seu(s) filho(s) adolescente(s) de 14 a 18 anos irão responder questões elaboradas pelo pesquisador na forma de entrevista – via plataforma digital, devido a pandemia provocada pelo CORONAVIRUS (SARS-COV-2 COVID 19). O roteiro de entrevista inclui questões relacionadas a família e terá duração aproximada de 60 minutos. Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o seu(s) filho(s) ou filha(s) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que sofra qualquer penalização ou prejuízo (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que: Caso o(a) seu filho(a) não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo; as informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a identificação do(a) senhor(a) e do seu filho(a) será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de o seu nome e nem do entrevistado ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.

Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada, com o seu consentimento, para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo(a) entrevistado(a), as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda do pesquisador que, após a transcrição não identificada dela, guardará o conteúdo gravado por cinco anos.

O estudo apresenta benefícios conforme o RES 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudar ao seu filho(a) entrevistado (a) a refletir sobre a experiência familiar. Além disso, como benefícios indiretos, a investigação ampliará o conhecimento científico sobre os adolescentes e famílias.

Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e o(a) entrevistado(a) será encaminhado(a) para atendimento psicossocial com a psicóloga Denise Gersen Pinto Coelho, de maneira virtual, por causa da pandemia do Coronavírus (COVID 19). Os contatos dela são: (71) 98731-6507 ou e-mail: [denisegersen2@gmail.com](mailto:denisegersen2@gmail.com).

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o(a) pesquisador(a). Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com o pesquisador, poderá entrar em contato por meio do telefone celular: Edson Queiroz Bahia – Celular: (71) 99114-5432. Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador - BA, CEP: 40.231-902. Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo telefone é: (71) 3203-8913.

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo, voluntariamente, a participação de(a) meu(minha) filho(a) neste estudo, estando ciente de que ele(a) está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Autorizo, também, a gravação da entrevista. Local e data:

Camaçari-Bahia, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Pesquisador: Edson Queiroz Bahia CPF: 924019295-68; Cel.: 071-99114-5432 e-mail: [edsonbahia\\_od@hotmail.com](mailto:edsonbahia_od@hotmail.com)

Orientador: João Carlos Petrini CPF: 372936568-15 Cel.: 071-9964-5252 e-mail: [jcpetrini@terra.com.br](mailto:jcpetrini@terra.com.br)

Universidade Católica do Salvador UCSal Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/ BA. CEP 40.231-902/ Tel. 55 (71) 3203-8969.

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador - CEP/UCSal Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 - Federação - Salvador/BA. CEP: 40231-902 Tel.: (71) 3203-8913 | E-mail: [cep@ucsal.br](mailto:cep@ucsal.br)

## APÊNDICE C

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Caso você não queira, não há problema algum. Você não precisa me explicar por que, e não haverá nenhum tipo de problema por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo.

Caso você queira participar, eu irei te informar sobre todos os procedimentos da pesquisa. Depois de passar a você todas as informações e você aceitar meu convite, será necessário que você assine todas as folhas deste documento. Eu também irei assinar todas as folhas dele, assim como você. Este documento está em três vias. Uma delas é sua, outra é dos seus pais ou responsável legal e a outra é minha.

A pesquisa tem por título: Adolescentes, o que eles pensam da família. E tem por objetivo principal: Conhecer as vivências de adolescentes na família de origem e as perspectivas para constituição da própria família.

A sua participação será mediante entrevista via plataforma digital, por um período de no máximo 60 minutos (01 hora) em que por meio de um roteiro de entrevista você irá responder de maneira livre. E, se por algum motivo se sentir desconfortável em participar ou em responder poderá parar em qualquer momento e caso seja necessário, existe o atendimento psicológico, on-line, que está disponibilizado para você.

As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de o seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.

Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada, com o seu consentimento, para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas por você, as quais serão posteriormente transcritas. As gravações serão mantidas sob a minha guarda e após a transcrição não identificada dela, guardarei o conteúdo gravado por cinco anos.

Para qualquer informação você pode consultar a mim ou ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCSAL Universidade Católica do Salvador

Pesquisador: Edson Queiroz Bahia CPF: 924019295-68; Cel.: 071-99114-5432 e-mail: edsonbahia\_od@hotmail.com

Orientador: João Carlos Petrini CPF: 372936568-15 Cel.: 071-9964-5252 e-mail: [jcpetrini@terra.com.br](mailto:jcpetrini@terra.com.br)

Universidade Católica do Salvador UCSal Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/ BA. CEP 40.231-902/ Tel. 55 (71) 3203-8969.

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador - CEP/UCSal Endereço:  
Av. Cardeal da Silva, n. 205 - Federação - Salvador/BA. CEP: 40231-902 Tel.: (71) 3203-  
8913 | E-mail: cep@ucsal.br

**APÊNDICE D**  
**ASSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como participante. O pesquisador me falou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Local e data:

\_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante:

\_\_\_\_\_

Telefone para contato:

\_\_\_\_\_

Pesquisador:

\_\_\_\_\_

Nome do Pesquisador Responsável: Edson Queiroz Bahia, telefone: 71 99114-5432, e-mail: [edsonbahia\\_od@hotmail.com](mailto:edsonbahia_od@hotmail.com)